

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL

2011/2012



TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL

**O GRANDE MÉDIO ORIENTE: O PAPEL DA
DEMOCRACIA NA PERSECUÇÃO DA PAZ E
ESTABILIDADE**

DOCUMENTO DE TRABALHO

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOUTRINA OFICIAL DA MARINHA PORTUGUESA / DO EXÉRCITO PORTUGUÊS / DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA / DA GUARDA NACIONAL REPÚBLICANA.

Eduardo Manuel Vicente Caetano de Sousa

Coronel de Artilharia



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**O GRANDE MÉDIO ORIENTE: O PAPEL DA
DEMOCRACIA NA PERSECUÇÃO DA PAZ E
ESTABILIDADE**

Eduardo Manuel Vicente Caetano de Sousa
Coronel de Artilharia

Trabalho de Investigação Individual/CPOG 2011/12

Lisboa, 2012



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**O GRANDE MÉDIO ORIENTE: O PAPEL DA
DEMOCRACIA NA PERSECUÇÃO DA PAZ E
ESTABILIDADE**

Eduardo Manuel Vicente Caetano de Sousa
Coronel de Artilharia

Trabalho de Investigação Individual/CPOG 2011/12

Orientador:

Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Miguel R.S. de Oliveira e Lemos

Lisboa, 2012



Agradecimentos

À minha mulher Ana Paula, pelo inestimável apoio de todos os momentos.

Ao senhor Capitão-de-Mar-e-Guerra Oliveira e Lemos, orientador deste trabalho, pela ajuda e acompanhamento disponibilizado, conhecimento científico e rigor, que colocou à minha disposição.

Ao senhor General Gabriel Augusto do Espírito Santo, pelo aconselhamento, estímulo e saber que me dispensou e pela referência que tem sido ao longo da minha carreira.

Ao senhor Comandante Serras Simões, pelos conhecimentos e sugestões que me transmitiu e muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, pelo apoio constante, e pela grande amizade de que sou muito grato.

Aos senhores, Coronel Tirocinado Morgado da Silva, Tenente-Coronel António Marracho e ao senhor Major Luís Santana, pelos excelentes e valiosos contributos que me deram na consolidação e revisão do trabalho.

Aos ilustres entrevistados, nomeadamente às senhoras professoras doutoras Teresa Botelho, Elizabete Azevedo-Harman, Esther Mucznik, Ana Santos Pinto e ao senhor diretor dos Serviços do Médio Oriente e Magrebe (MNE), doutor João Neves Costa, pelo tempo e saber que me disponibilizaram.

Uma palavra especial ao senhor Embaixador de Israel Ehud Gol, pela sua entrevista, na clareza, objetividade e importância, que muito contribuíram para este trabalho.

A todos os camaradas de curso, professores e conferencistas por tudo o que aprendi, pela amizade e camaradagem que não poderei esquecer.



Índice

| | |
|--|-------------|
| Agradecimentos | ii |
| Resumo | vi |
| Abstract | vii |
| Palavras - chave | viii |
| Key words..... | viii |
| Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos..... | ix |
| Introdução | 1 |
| ▪ Tema e definição do contexto..... | 1 |
| ▪ Justificação e importância do estudo | 2 |
| ▪ Objeto de estudo e a sua delimitação..... | 2 |
| ▪ Objetivos da investigação | 3 |
| ▪ Percurso metodológico | 3 |
| ▪ Organização e conteúdo..... | 5 |
| 1. O Grande Médio Oriente | 7 |
| a. Conceitos e enquadramento geral | 7 |
| b. Espaço político..... | 8 |
| c. O espaço geográfico..... | 9 |
| d. Democracia - princípios orientadores | 9 |
| e. A visão da democracia e da liberdade para o conceito do GMO..... | 11 |
| f. Ações desenvolvidas | 12 |
| g. Os programas para o GMO..... | 13 |
| h. Condicionanismos e limitações | 14 |
| i. Síntese conclusiva..... | 16 |
| 2. As revoltas da «Primavera Árabe» | 17 |
| a. Enquadramento | 17 |
| b. A génese e as causas - «a surpresa»..... | 18 |
| c. O elemento potenciador da revolta - as novas tecnologias de comunicação | 20 |
| d. Caracterização, evolução e incertezas da transição | 21 |
| e. Síntese conclusiva..... | 24 |
| 3. A Democracia - paz e estabilidade na região..... | 25 |
| a. O espaço da democracia e o Islão: perceções e conceitos diferenciados..... | 25 |
| b. Indicadores de democracia e liberdade..... | 27 |
| c. O caminho da democracia e fatores condicionadores..... | 29 |



| | |
|---|-----------|
| d. Os obstáculos políticos à democracia | 30 |
| e. Indicadores de conflitos | 32 |
| f. Paz e estabilidade | 33 |
| g. O Egito - o ator charneira | 34 |
| h. Síntese conclusiva..... | 38 |
| 4. Conflito Israelo-Palestiniano | 39 |
| a. Um conflito em duas narrativas | 39 |
| b. A centralidade do conflito | 39 |
| c. A dinâmica das emoções e do medo nos conflitos (prospetivas)..... | 41 |
| d. Índice para a democracia, paz e estabilidade (DPE)..... | 44 |
| e. Síntese conclusiva..... | 45 |
| Conclusões..... | 46 |
| Referências Bibliográficas | 51 |
| Anexos | |
| Anexo A - Índices de democracia versus guerra e conflitos no GMO..... | A-1 |
| Anexo B - Índice Democracia, Paz e Estabilidade (DPE) | B-1 |
| Anexo C - Quadro dos sistemas eleitorais pré e pós-revolta árabe | C-1 |
| Apêndices | |
| Apêndice I - Indicadores de democracia e liberdade | Ap - 1 |
| Apêndice II - Internet e redes sociais | Ap - 2 |
| Apêndice III - A narrativa do povo judeu | Ap - 3 |
| Apêndice IV - A narrativa do povo palestino..... | Ap - 4 |
| Apêndice V - Quadro das questões principais para as entrevistas realizadas .. | Ap - 5 |
| Apêndice VI - Quadro do percurso metodológico | Ap - 6 |
| Índice de Figuras | |
| Figura 1 - Região do GMO | 9 |
| Figura 2 - Países do GMO | 17 |
| Figura 3 - Intensidade dos conflitos reportada a 2010 | 33 |
| Figura 4 - Geoestratégia do GMO (O Egito)..... | 36 |
| Figura 5 - Jogo das interações centrais..... | 42 |
| Figura 6 - Perceção israelita da ameaça | 43 |
| Índice de Gráficos | |
| Gráfico 1 - Índice de democracia após a «Primavera Árabe» | 23 |



| | |
|---|----|
| Gráfico 2 - «Opinião sobre se o mundo árabe está melhor ou pior após a «Primavera Árabe»..... | 23 |
| Gráfico 3 - A falta de democracia como obstáculo à paz e estabilidade..... | 28 |
| Gráfico 4 - Juízo favorável aos EUA | 29 |
| Gráfico 5 - Barómetro dos conflitos no NAMO | 32 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1- Rating de liberdade do GMO em 2002 | 14 |
| Tabela 2 - Rating de liberdade dos países do GMO..... | 19 |
| Tabela 3 - Nível dos protestos da «Primavera Árabe» no 1.º semestre de 2011..... | 20 |
| Tabela 4 - Comparação dos espaços regionais ao nível dos índices de liberdade... | 28 |
| Tabela 5 - Fatores de obstáculo à paz e estabilidade no MO | 36 |
| Tabela 6 - O Egito país charneira do GMO | 37 |
| Tabela 7 - Obstáculo à paz e estabilidade no MO..... | 39 |
| Tabela 8 - Valores obtidos para o índice democracia, paz e estabilidade (DPE).... | 45 |



Resumo

O presente trabalho tem por objetivo relacionar a importância atual da democracia e a implantação de regimes democráticos na região do Norte de África e Médio Oriente, na procura da paz e estabilidade, revisitando a relação entre democracia e geoestratégia decorrente da «iniciativa do Grande Médio Oriente».

Tendo por base de investigação as revoltas que eclodiram ao longo de 2011, na designada «Primavera Árabe», procurou-se através de um desenvolvimento analítico, inferir as interdependências, os conflitos e as estratégias gerais de interação da democracia e dos regimes.

O enquadramento do modelo de análise utilizado, privilegiou os relatórios e estudos efetuados por reconhecidos centros de estudo internacionais (para além das entrevistas e da vasta bibliografia consultada), que através dos indicadores de liberdade, democracia e transparência, permitiram obter elementos valorativos para o trabalho. De igual forma, foram analisados os indicadores históricos e os atuais, inerentes aos fatores do conflito e instabilidade na região.

O estudo da complexidade geopolítica da atual situação na região do Norte de África e Médio Oriente foi desenvolvido através da análise dos fatores religiosos, das políticas dos regimes e dos seus principais atores, da evolução e da incerteza dos novos movimentos em curso. Procurou-se saber, até onde o «espaço da democracia» é possível na região, e da sua contribuição como fator essencial para a dinâmica da paz e estabilidade. Para isso, considerou-se o Egito, um ator chave no processo da instauração da democracia, associado à narrativa da centralidade estratégica do conflito israelo-palestiniano.

Das conclusões destacam-se os elementos caracterizadores obtidos, e que evidenciam a natureza «umbilical» da relação da democracia e da implantação de regimes democráticos, com a paz e estabilidade numa região onde o «medo e as emoções» dominam, e que afastam a prazo a concretização destes valores.

Elencam-se também, um conjunto de elementos de análise prospetiva e de indicadores de avaliação, nomeadamente ao nível do conflito de Israel, que procuram dar resposta às perceções e aos fatores de complexidade que foram levantados ao longo do trabalho, e que poderão ser complementados em futuras abordagens e desenvolvimentos a efetuar nesta área.



Abstract

The intention of the present work is to relate the current importance of democracy and the establishment of democratic regimes, in the search for peace and stability in the region of North Africa and the Middle East, revisiting the relation between democracy and geostrategic concepts under the «initiative of the Greater Middle East».

Based on the research of the riots that erupted throughout 2011, the so-called «Arab Spring», through an analytical development it was sought to understand the interdependencies, conflicts and general strategies interacting democracy and political systems.

The analysis model framework used has privileged reports and studies conducted by renowned international research centers, (in addition to interviews and extensive bibliography), which throughout the indicators of freedom, democracy and transparency led to significant values for the work. Similarly, were analyzed the historical and current indicators, factors that were considered inherent to conflict and instability in the region.

The complexity of the current geopolitical situation study in the region of North Africa and the Middle East has been developed through the analysis of religious factors, political regimes and their main actors as well as the uncertainty of the present regional developments and movements. It was also tried to understand the democracy contribution as an essential factor for the peace and stability in this area. For this purpose, Egypt was considered a pivotal actor in the process of establishing democracy as this country is coupled with a narrative of the strategic centrality in the israeli-palestinian conflict.

The work findings highlight the featured obtained elements that give evidence to the nature of the «umbilical» relationship of democracy and democratic regimes foundation, with peace and stability in a region where the «fear and emotions» prevalence has not yet allowed the accomplishment of these goals.

The present work also lists a set of vector analysis and prospective evaluation indicators, especially in terms of conflict involving Israel, seeking to respond to perceptions and complexities factors that have been raised over the entire work. The results obtained may be expanded and developed in further studies about this area.



Palavras-chave

Conflito
Democracia
Estabilidade
Grande Médio Oriente
Paz
Primavera Árabe

Key words

Conflict
Democracy
Stability
Greater Middle East
Peace
Arab Spring



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

| | |
|-------|---|
| AAIF | Arab American Institute Foundation |
| AHDR | Arab Human Development Report |
| AKR | Arab Knowledge Report |
| AP | Autoridade Palestiniana |
| AQIM | Al-Qaeda In Islamic Magreb |
| AR | Authoritarian Regime |
| Cap. | Capítulo |
| CI | Comunidade Internacional |
| CPOG | Curso de Promoção a Oficial General |
| DE | Departamento de Ensino |
| DIS | Distância |
| DSG | Dubai School of Government |
| DPE | Índice de Democracia, Paz e Estabilidade |
| EAU | Emirados Árabes Unidos |
| ECO | Média dos valores de democracia |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FD | Full Democracy |
| FH | Freedom House |
| FIKH | Jurisprudência Islâmica |
| FLD | Flawed Democracy |
| FN | Free Nation |
| G-8 | Grupo de 8 Potências |
| GMAP | Global, Mutations, Analysis and Perspectives |
| GMO | Grande Médio Oriente |
| HAB | Milhares de Habitantes |
| HIICR | Heidelberg Institute for International Conflict Research |
| Hip | Hipótese (s) |
| HR | Hybrid Regime |
| IDC | Índice de conflitos |
| IESM | Instituto de Estudos Superiores Militares (Portuguese Joint Command and Staff College) |



| | |
|----------|--|
| IM | Irmandade Muçulmana |
| ISAF | International Security Assistant Force |
| IUD | Economist Intelligence Unit's of Democracy |
| MEEQ | Middle East Economics Quarterly |
| MESH | Middle East Strategy at Harvard |
| MNE | Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal |
| MO | Médio Oriente |
| NAMO | Norte de África e Médio Oriente |
| NEP | Norma de Execução Permanente |
| NF | Not Free |
| NSS | National Security Strategy |
| OI | Organização Internacional |
| OLP | Organização para a Libertação da Palestina |
| ONG | Organização Não Governamental |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| OTAN | Organização do Tratado do Atlântico Norte |
| p. e pp. | Página e páginas |
| PF | Partly Free |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PR | Proportional Representation |
| QC | Questão Central |
| QD | Questão Derivada |
| SDI | Status of Democracy Index's Ranking |
| SI | Sistema Internacional |
| Tab | Tabela |
| TI | Transparency International |
| TII | Trabalho de Investigação Individual |
| UE | União Europeia |
| UNDP | United Nations Development Programme |
| UNESCO | United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization |



Introdução

▪ Tema e definição do contexto

As ações de terrorismo de base fundamentalista islâmica, e da Al-Qaeda em particular, que caracterizaram o ambiente geopolítico após os acontecimentos do 11 de setembro de 2001, foram o sinal claro de que existia uma crise muito profunda centrada no mundo árabe e muçulmano. Tornava-se necessário encontrar e resolver as causas do problema, alterando o «*status quo*» regional do Médio Oriente (MO). Esta situação permitiu aos Estados Unidos da América (EUA) lançar uma alargada estratégia de democratização para toda a região. A «iniciativa» para o Grande Médio Oriente (GMO), definia agora, uma extensa área de relevância geopolítica e geoestratégica, que abrangia o espaço geográfico desde Marrocos ao Paquistão, considerado determinante para os interesses dos EUA e do mundo ocidental.

O programa de ação mais tarde aprovado pelos países do G-8 em 2004, com pequenas alterações em relação ao projeto inicial americano, enquadrava-se no ambiente mais geral de resposta ao terror e das continuadas ameaças terroristas de contornos islâmicos, perpetradas diretamente contra os interesses americanos e ocidentais no mundo. Nesse contexto, o vetor da democracia assumiria um papel central, sendo mesmo considerado como elemento determinante nas intervenções dos EUA nos países da região do GMO.

Cerca de uma década após o lançamento desta iniciativa, o ambiente geopolítico mudou substancialmente. Com as alterações entretanto ocorridas, e as recentes mudanças políticas resultantes da chamada «Primavera Árabe», o espaço da democracia e da liberdade é de novo chamado a assumir um papel determinante na relação dos estados e dos novos equilíbrios geopolíticos na região. As revoluções e revoltas que surgiram um pouco por toda a região do Norte de África e do Médio Oriente (NAMO), e outras que poderão surgir ou estão em curso, apresentam como denominador comum, a aspiração da população em combater a corrupção do poder instalado nesses países, em lutar por mais liberdade, democracia, justiça social e melhores condições de vida.

Consideramos o tema «***O GMO: o papel da democracia na persecução da paz e estabilidade***», como um desafio de investigação e análise, em função dos instáveis equilíbrios geopolíticos e geoestratégicos que, desde sempre, permanecem nesta conturbada área, associados às novas realidades políticas que «assolam» grande parte dos países da região.



▪ **Justificação e importância do estudo**

A dinâmica da sociedade atual nos seus múltiplos fatores constitutivos e a envolvimento das relações internacionais colocam sempre um empolgante desafio, às instituições e aos centros de saber, que estudam, debatem e ensinam estas áreas do conhecimento. A reflexão sobre os grandes temas internacionais, mormente no campo da estratégia, assume um especial interesse, pela conjugação dos diversos fatores, que influenciam e determinam o estudo do objeto em análise. Existem diversos estudos internacionais e alguns nacionais, textos e comentários sobre as envolventes gerais ao tema aqui abordado, distintos na sua avaliação e modo de análise, em função da origem e do pensamento dos autores e das escolas de referência, mas com relevante valor para o conhecimento do «estado da arte».

As alterações políticas decorrentes da «Primavera Árabe», que percorrem a região considerada na iniciativa do GMO, introduzem agora novos elementos de estudo, análise e reflexão, perspetivando a necessidade de uma investigação atual e prospetiva, face aos conceitos entretanto estabelecidos.

A temática aqui proposta, passará por procurar situar a presente realidade - ainda muito volátil -, no pressuposto da importância da implementação e sustentação dos princípios da democracia, e das envolventes diretas e correlacionáveis de um sistema democrático e dos seus mecanismos, passada quase uma década após o lançamento de uma iniciativa dirigida ao GMO, e que registou evidentes sinais de controvérsia.

Em simultâneo, procurar-se-á avaliar se os valores da democracia são essenciais, na atual conjuntura, à garantia da paz e da estabilidade para esta região, em face das novas realidades que a atravessam.

▪ **Objeto de estudo e a sua delimitação**

- Objeto de estudo

O objeto de estudo deste Trabalho de Investigação Individual (TII), é revisitar o conceito do GMO, incidindo na vertente da relação entre a implantação de regimes democráticos nos países da região, e a persecução da paz e da estabilidade regionais.

- Delimitação do tema

Esta temática, pela sua importância e dimensão de análise antropológica, assume uma enorme variedade de interpretações e conceitos. Da mesma forma, a sua abrangência, quer em termos dos vetores e patamares possíveis de estudo (políticos, geopolíticos, estratégicos, geoestratégicos, económicos, religiosos, etc.), quer em termos da dimensão geográfica propriamente dita, e também das limitações de espaço deste TII, obriga-nos a



delimitar o tema em estudo.

Assim, entendemos limitar o tema ao estudo e investigação do conceito e do programa do GMO, ao nível da democracia e da sua envolvência na paz e estabilidade, a partir da situação que se vive atualmente na região. Os aspetos da segurança regional e as vertentes dos interesses estratégicos, económicos, militares e políticos dos vários atores envolvidos «per si», apenas serão diretamente analisados, na medida da sua importância na implementação e desenvolvimento da democracia e das suas implicações para a paz e estabilidade.

Porque o conceito do GMO abrangia na altura do seu lançamento (e em face da conjuntura então vivida), um vasto espaço geográfico, que ia desde Marrocos até ao Paquistão, não iremos abordar, a este nível, as situações específicas de conflito e guerra ainda existentes, quer no Afeganistão, quer no Iraque, quer em outros conflitos militares que decorreram ou ainda decorrem e fora do contexto da temática deste TII.

De igual modo, decorrente das muitas incertezas existentes no Sistema Internacional (SI) quanto às futuras alterações políticas na região, a análise incidirá em especial nos principais países árabes, nas políticas dos EUA, e na centralidade do conflito israelo-palestiniano (árabe), que consideramos definidor do atual momento.

▪ **Objetivos da investigação**

O objetivo geral da presente investigação é analisar a importância e o valor que os princípios da democracia, contidos no conceito e programa de ação para o GMO, podem assumir na consecução da paz e estabilidade na região.

Os objetivos específicos a atingir serão:

- Explicar como e quando se chegou ao conceito do GMO e a importância do papel da democracia no mesmo;
- Analisar as atuais alterações políticas na região (Primavera Árabe) e o papel da democracia e da liberdade na génese dessas alterações e nos cenários de evolução futura;
- Analisar em que medida a implantação da democracia política nos países árabes, a verificar-se, poderá ser um valor essencial para a paz e estabilidade na região;
- Analisar e enquadrar o conflito israelo-palestiniano no processo da procura da paz e estabilidade.

▪ **Percurso metodológico**

No seguimento da fase de exploração, delimitado que foi o tema, partiu-se para a formulação da Questão Central (QC) e das respetivas Questões Derivadas (QD). Posteriormente, estabeleceram-se as hipóteses (Hip) relativas a cada uma das QD, e que



através da investigação a desenvolver se procuraram validar.

Assim, foi estabelecida a seguinte QC:

«Em que medida a implantação de regimes democráticos decorrente do conceito do GMO, constitui um fator determinante na procura da paz e estabilidade na região?»

Esta QC foi decomposta nas seguintes QD e nas Hip respetivas:

QD 1 - *Qual a importância da democracia no conceito do GMO?*

Hip 1 - *A democracia assumiu uma importância orientadora e decisiva na formulação do conceito do GMO.*

QD 2 - *As alterações políticas da «Primavera Árabe» têm na sua génese os princípios da democracia e da liberdade?*

Hip 2 - *As revoluções da «Primavera Árabe» caracterizam-se de um modo geral, pelo apelo de parte significativa da população, contra a corrupção instalada nos regimes autocráticos, pela liberdade e justiça social e na maioria dos casos pela democracia.*

QD 3 - *Em que medida é possível um sistema democrático nos países árabes, e que uma vez implantado, contribua para a paz e a estabilidade na região?*

Hip 3 - *É possível um sistema democrático, nos regimes em que sejam efetivamente criadas condições para garantir a «sustentação» do mesmo, permitindo a médio e a longo prazo, um reforço da paz e da estabilidade regional. Ao inverso, se vencerem os valores do nacionalismo autocrático e do extremismo religioso, os equilíbrios da paz e da estabilidade estarão em causa.*

QD 4 - *O conflito israelo-palestiniano será um elemento central no processo da obtenção da paz e da estabilidade na região?*

Hip 4 - *O conflito israelo-palestiniano, enquanto perdurar, é um fator perturbador no equilíbrio geoestratégico da região e impede o estabelecimento de uma paz estável na região geopolítica do GMO.*

A metodologia de investigação seguida utilizou o método hipotético-dedutivo, associado à inferência abductiva (inferência da melhor explicação). Esta metodologia tem por base uma estrutura na qual se formulam hipóteses, conceitos e indicadores de medida, suportados pelo estudo e análise realizada. O presente trabalho foi iniciado com a pesquisa bibliográfica de um vasto conjunto de documentação, de diversas fontes, nacionais e estrangeiras, da internet e outras, consideradas relevantes para a investigação que se pretendeu realizar. Em simultâneo, foram efetuadas entrevistas a personalidades e investigadores desta área de estudo.



Foi assim utilizado um desenvolvimento analítico « (...) *em que seja possível compreender as formas de diálogo, as interdependências, as alianças, os conflitos, as estratégias e/ou políticas externas adotadas e possibilite indicar possíveis ações futuras dos atores analisados em circunstâncias precisas*» (Suano, 2005, p. 271).

O TII seguiu a metodologia científica de referência, constante na Norma de Execução Permanente (NEP) n.º Departamento de Ensino (DE) 218 do Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM) e respetivos anexos e normas adicionais. Como *software* de referência foi usado o estilo «Harvard-Anglia».

O percurso metodológico compreendeu três etapas: (i) Na primeira etapa, foi feita uma abordagem analítica e concetual aos princípios da democracia subjacentes ao GMO, a fim de responder à QD 1 e assim validar a Hip 1; (ii) Na segunda etapa deu-se início ao estudo de análise comparativa com vista a inferir a génese caraterizadora e enquadrante da chamada «Primavera Árabe», respondendo à QD 2, no sentido de procurar confirmar a Hip 2; (iii) Na terceira etapa foram levantados indicadores de referência e inferidos espaços de análise comparativa, que permitiram interligar os conceitos de democracia e de paz e estabilidade na região em estudo, recorrendo à particularização do caso «Egito» e à centralidade do «conflito israelo-palestiniano», de forma a responder às QD 3 e QD 4, validando as Hip 3 e 4. Foi possível, assim, compreender «as interdependências e as estratégias adotadas», permitindo formular possíveis ações prospetivas e pressupostos decorrentes da investigação realizada.

▪ **Organização e conteúdo**

O presente TII encontra-se estruturado em seis partes. A primeira parte - Introdução -, visa justificar o estudo a realizar, enquadrar o tema e definir o contexto, o objeto do estudo e a sua delimitação, os objetivos e a metodologia a seguir durante a investigação.

Na segunda parte Capítulo (Cap.) primeiro é apresentado o enunciado do conceito do GMO, a descrição da sua origem (quem, como, quando, porquê), o seu enquadramento e relevância.

Na terceira parte (Cap. segundo) é desenvolvida a investigação sobre a génese e o desenvolvimento das atuais movimentações políticas da «Primavera Árabe», procurando encontrar os referenciais subjacentes aos valores da democracia e de liberdade.

Na quarta parte (Cap. terceiro) são analisados os elementos e os indicadores disponíveis, que face à realidade atual e ao histórico da região, permitem aferir da possibilidade da implantação de um sistema democrático e da sua importância para a paz e estabilidade na região. Dar-se-á relevo neste capítulo ao caso do Egito, por ser considerado



um ator regional charneira neste processo.

Na quinta parte (Cap. quarto) são apresentados o enquadramento e a análise do conflito israelo-palestiniano, numa perspetiva da centralidade que esta questão assume, em todo e qualquer desenvolvimento geopolítico nesta área conturbada.

Por fim, na sexta parte, serão apresentadas as conclusões da investigação e algumas considerações prospetivas (contributos e recomendações), para sintetizar as respostas às QD e à QC levantadas.



1. O Grande Médio Oriente

a. Conceitos e enquadramento geral

Face aos acontecimentos trágicos para os EUA e para o mundo em geral, resultantes do 11 de setembro de 2001, e do crescente desenvolvimento das atividades do terrorismo islâmico, assim como a continuação dos regimes autocráticos por todo o GMO, tornou-se prioritário para a administração americana o lançamento de uma nova visão que englobasse toda a região.

Os ataques do 11 de setembro foram acima de tudo o acontecimento marcante e traumático, que iria despoletar uma nova estratégia e uma nova visão destinada a enfrentar este tipo de ameaça. O terrorismo global protagonizado pela Al-Qaeda, «o ator não Clausewitziano», obriga os EUA a assumir « (...) *claramente a natureza de poder imperial planetário, através do exercício de uma estratégia nacional*» muito baseada nos princípios e na influência da escola neoconservadora (Santos, 2004, p. 151). Encontravam-se assim criadas as condições, para que neste contexto específico « (...) *the Bush administration does have something of a Middle East vision based on more than domestic political considerations. At the heart of the plan is the determination to use America's unprecedented power to reshape the Middle East by supporting America's friends in the region, opposing its enemies and seeking to promote democracy and freedom*» (Gordon, 2003, p. 155).

O presidente George W. Bush reconheceu que o terrorismo de base islâmica, e a Al-Qaeda em particular, evidenciavam a existência de uma crise baseada no mundo árabe e muçulmano. O objetivo principal da administração americana para o GMO foi, claramente, o de relançar a estabilidade e o equilíbrio regional, situação que teve como estratégia principal a invasão do Iraque.

Os fatores principais que contribuíram para o lançamento desta visão tinham como elementos base (Boio, 2003, p. 2): (i) A posse de armas de destruição maciça por parte do regime iraquiano; (ii) As ligações deste ao terrorismo; (iii) Os interesses diretos dos EUA «no petróleo»; (iv) O conceito de liberdade e de democracia para o MO. Desta forma, o primeiro passo em direção à «implantação da democracia» seria o Iraque, retirando Saddam Hussein do poder¹.

Como refere (Fiori, 2011, p.1) foi o presidente George W. Bush, quem lançou o termo «*Grande Médio Oriente*», apresentado oficialmente pela primeira vez na reunião do

¹ «*The United States was committed not only to the removal of Saddam Hussein but also to the democratization or the march of freedom in the Muslim world*» (C. Rice, cit. por Ottaway, 2003, p. 8).



G-8 em junho de 2004. O objetivo era consagrar um novo espaço geopolítico de intervenção, desde Marrocos até ao Paquistão, e deveria constituir uma preocupação prioritária das grandes potências na guerra contra o terrorismo islâmico e a favor da «*democracia e dos direitos humanos*».

A administração norte-americana e em particular George W. Bush, consideravam que a perseguição da democracia seria o caminho para derrotar o terrorismo através da implantação de mudanças sociais e políticas concretas, conjunto de ideias designado por «*agenda da liberdade*» (Rodrigues, 2011, p.1).

b. Espaço político

Com as envolventes políticas existentes na altura, nomeadamente o terrorismo e a ameaça de armas de destruição maciça, as políticas de contenção e de dissuasão que tiveram a sua aplicação com sucesso na Guerra Fria, não se adequavam a esta nova realidade. Estas reorientavam-se agora, no sentido de uma perspetiva diferenciada, onde a paz e a estabilidade no GMO só seriam possíveis, se os regimes que tutelavam estes estados, se tornassem mais democráticos.

No respeitante à possibilidade da existência de democracia nos países árabes do MO, George W. Bush dava os exemplos da Alemanha e do Japão após a II Guerra Mundial, e da Rússia e países de Leste, acrescentando que «*Freedom has advanced because the desire for liberty and justice is found in every human heart*» (White House, 2003). Sobre esta perspetiva concreta vários autores se pronunciaram – e.g. (Sharansky, 2006, pp. 69-75).

A visão expressa por George W. Bush, ao apelar para a consecução de uma estratégia para «*exportar*» a democracia para o GMO, não é um conceito novo, aliás como ele próprio refere², vem no seguimento do «*Empire of Democracy*» de Thomas Jefferson, do «*World made safe for democracy*» de Woodrow Wilson e da estratégia de «*Engagement and enlargement*» de Bill Clinton. O ideal wilsoniano e as respetivas políticas associadas, marcaram as ações desenvolvidas junto dos movimentos nacionalistas árabes de então, em especial no período entre as duas guerras mundiais. Este ideal, que pugnava por estados independentes e democráticos, não foi contudo concretizado, mas abriu caminho a novos modelos de intervenção internacional (Rato & Soller, 2008, p.57). Para o presidente Wilson, «*(...) a paz dependia da difusão da democracia, que os estados deviam ser julgados pelos mesmos critérios éticos que os indivíduos e que o interesse*

² Discurso no «National Endowment for Democracy», em novembro de 2003, (cit. por Buss, 2005, p.1).

nacional consistia em aderir a um sistema de direito universal» (Kissinger, 1996, p. 21).

c. O espaço geográfico

Em termos de definição geográfica, o GMO foi entendido como o conjunto de países que compõem o NAMO, abrangendo também o Afeganistão e o Paquistão, para além da Turquia, do Irão e Israel. Por razões de interesse geopolítico e de geoestratégia, foi assim alargada a tradicional definição de MO. Note-se que, muitas vezes, alguns analistas também consideram parte da Ásia Central associada ao GMO. A Figura 1 representa a região correspondente ao GMO. Por seu lado, o termo «MO», a sua localização e abrangência tem variado ao longo dos séculos³, dando origem a diferentes interpretações de base histórica e geopolítica.

Durante a presente investigação, utilizaremos a designação de GMO, quando houver uma referência concreta ao próprio conceito da época, e a designação mais comum e atualmente utilizada pela administração americana e analistas em geral de NAMO.

Fonte: (Mideast Web Maps, 2011)

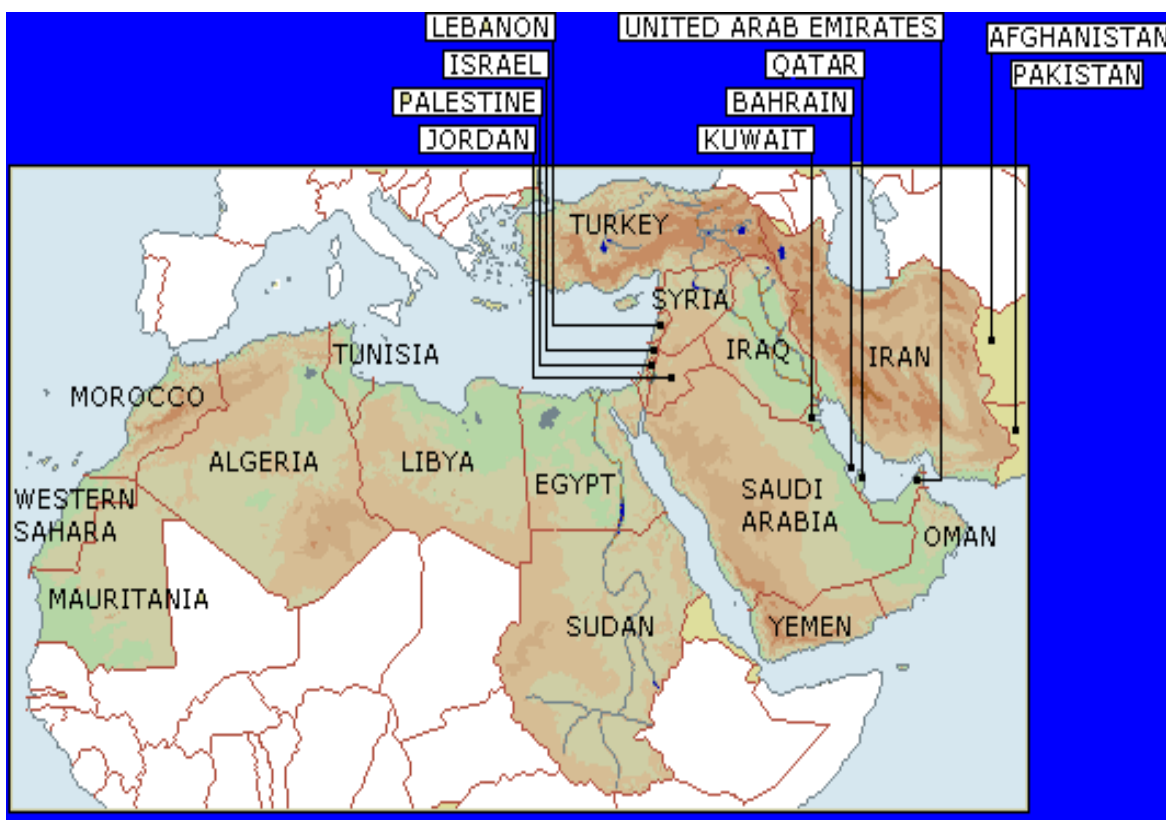


Figura 1 - Região do GMO

d. Democracia - princípios orientadores

Para a investigação deste trabalho, considerámos necessário delimitar o conceito de democracia, por forma a garantir a coerência interpretativa nas análises efetuadas, ademais

³ Sobre este assunto (Mansfield, 2004, pp. 1-3), (Catherwood, 2011) e (Bilgin, 2004, pp. 25-41).



sabendo-se da diversidade e âmbito interpretativo do mesmo, por diferentes analistas, centros de estudo e de investigação destas matérias.

Assim, como premissa base, orientamo-nos pela definição de Paulo Otero, em que « *A afirmação de um princípio democrático no âmbito da Comunidade Internacional tem começado por ser extraída da própria Declaração Universal dos Direitos do Homem, enfatizando-se a referência existente no seu artigo 21.º, n.º 3, à vontade do povo como fundamento da autoridade dos poderes públicos e às eleições honestas e periódicas mediante sufrágio universal e igual enquanto processo de expressão dessa mesma vontade popular* »⁴. Desta forma, e prossequindo no conceito atrás delineado com base no artigo 21.º, n.º 1 da Declaração Universal, considera-se que « (...) *a participação política dos cidadãos nos negócios públicos do seu país expressam, simultaneamente, a existência de um direito dos povos à autodeterminação governativa interna, o qual encontra expressão na democracia (...) a democracia surge como ideal comum aceite por aqueles Estados que se consideram vinculados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem* » (Otero, 2001, p. 249).

Para a caracterização e enquadramento dos pressupostos e modelo que iremos desenvolver, conceitualiza ainda (Otero, 2001, pp. 82-83), « (...) *a democracia envolve uma conceção personalista da vida, da sociedade, do Estado e do Direito:*

- *Não há democracia sem a garantia de uma ordem de valores fundada no carácter transcendente da dignidade da pessoa humana;*
- *Na democracia, o Estado, enquanto criação do homem, existe para o homem, e não este para o Estado (...) ».*

Como corolário deste conceito, « (...) *na democracia, muito ao contrário do que sucede no totalitarismo, o pluralismo é sempre ilimitado, competitivo e responsável* »⁵, substituindo-se um modelo de «Estado de partido único», por um «Estado de partidos»⁶, e assentando toda a vida política, numa cultura de tolerância e de moderação» (Otero, 2001, p. 83).

Para a presente investigação, consideramos que o conceito de sustentação da democracia, implica a aceitação, a implementação, o desenvolvimento e a continuidade funcional dos

⁴ (Juan Francisco Escudero Espinosa, «Hacia una Intervención Armada em Favor de la Democracia? El «Precedente» de Haití», in anuário de Derecho Internacional (Universidade de Navarra), XII, 1996, pp. 357-358, cit. por Otero, 2001, p. 248).

⁵ (Gianfranco Pasquino, Corse, p. 222 cit. por Otero, 2001, p. 83).

⁶ (Hans Kelsen, Teoria General, p. 464 cit. por Otero, 2001, p. 83).



mecanismos que lhe são próprios⁷.

e. A visão da democracia e da liberdade para o conceito do GMO

A questão da democracia e da liberdade inseria-se na estratégia da administração americana da época, muito ligada a um sentimento de crença americana nos valores universais da democracia e liberdade. George W. Bush e a administração americana apoiaram-se então, num conjunto de analistas políticos e decisores designados de «neoconservadores». Um dos partidários desta corrente, Charles Krauthammer, considerava dois grandes objetivos globais desta política:

- A expansão da paz através da democratização;
- A preservação da paz como moderador da tranquilidade.

Aplicando ao Iraque este conceito, Krauthammer considerava que o Iraque democratizado poderia ser um multiplicador de democracia na região, e que, consequentemente, através de um previsível equilíbrio regional iria ser atingida uma estabilidade, da qual iria também beneficiar comercialmente os EUA (Krauthammer, 2002, p.15).

Toda esta estratégia e visão, encontramos refletida no plano do National Security Strategy (NSS) que referia « *These values of freedom are right and true for every person, in every society - and the duty of protecting these values against their enemies is the common calling of freedom - loving people across the globe and across the ages*» (NSS, 2002, p. 1). Este plano global propunha a expansão da democracia para combater o terrorismo, facilitado pela hegemonia americana no mundo, onde os EUA assumiam como objetivo estratégico a sua unipolaridade no sistema internacional (Almeida & Rato, 2004, p. 118).

Com este pensamento ficava clara uma visão de expansão da democracia numa perspetiva unilateralista, na imposição de uma doutrina e de um conceito que preservasse os interesses considerados da paz e da liberdade, em contraponto aos regimes autoritários e corruptos da região do MO, onde a democracia se encontrava ausente.

A questão da ideia de democratização formulada por George Bush na sua perspetiva para o GMO, não é substancialmente diferente da já protagonizada por Bill Clinton nas linhas mestras da sua estratégia de «alargamento democrático», e da sua visão de que os estados democráticos não fazem a guerra uns aos outros, nem se ameaçam com

⁷ Autor.



recurso às armas de destruição maciça⁸. A democracia e a sua exportação, como referem João Marques de Almeida e Vasco Rato « (...) *emerge, como era também o caso de Clinton, da convicção de que as democracias são mais pacíficas do que regimes não democráticos, e, portanto, o alargamento democrático abre caminho para uma comunidade de Estados que constituirá uma paz separada*» (Almeida & Rato, 2004, p. 81).

Os valores e princípios orientadores da democracia constituem os pressupostos base da «iniciativa» do GMO, princípios estes que mantém sua importância atualmente, como decorre das interpretações e conceitos já enunciados. A teoria de universalizar a democracia, que (Fukuyama, 1992) já considerava nos anos noventa, foi, ainda que, com uma perspetiva diferente, seguida pela corrente do «*globalismo democrático*», que considera que a democracia se «*pode impor externamente*», e na qual se destaca Irving Kristol e a sua tese de que o século XXI é a oportunidade para os EUA difundirem a democracia por todo o mundo (Santos, 2006, p. 213).

f. Ações desenvolvidas

Uma política de intervenção direta contra o terrorismo personificado na Al-Qaeda e os países que o suportavam, justificava perante parte da opinião pública internacional a legitimação da nova visão para o mundo, que era imposta pela grande potência mundial. Os valores universais da democracia, da paz e estabilidade, exigiam para a região do GMO uma alteração profunda das políticas até então seguidas.

Como eixo principal da doutrina estabelecida, deu-se início à invasão do Iraque, em março de 2003, como parte da ofensiva contra o designado «eixo do mal», a que o Iraque pertencia, com o objetivo claro de derrubar do poder o ditador Saddam Hussein, acusado de possuir armas de destruição maciça e liderar um estado pária. Desta forma « (...) *transformar o país numa democracia (democracia que se alastraria ao Médio Oriente em geral), segundo os ideólogos neoconservadores, bem como resolver o conflito israelo-palestiniano (para estes o caminho de Jerusalém passava por Bagdade)*» (Santos, 2009, p. 130). Os mecanismos diplomáticos, políticos e militares desta invasão foram praticamente todos realizados fora do controlo e ação da Organização das Nações Unidas (ONU), o que provocaria algum mal-estar, mesmo entre os aliados dos EUA.

Com a invasão do Iraque, os riscos envolvidos para os EUA eram imensos e o próprio rei da Jordânia, Abdullah, avisava que «*estava aberta a caixa de Pandora*»

⁸ (Bill Clinton, «*American Foreign Policy and the American Ideal*», Orbis 37,1,1993, pp. 651 - 660 cit. por Almeida & Rato, 2004, p. 55).



(Mansfield, 2004, p. 392). Os árabes, os povos da região em geral e a juventude em particular, tinham crescido na desconfiança em relação aos EUA e olhavam para estas movimentações como autênticas cruzadas contra os próprios, para além da crítica permanente e partilhada na Europa, de que os EUA perseguiriam como objetivo principal, uma estratégia própria, - «a estratégia do petróleo» (Santos, 2009, p. 130).

A iniciativa geoestratégica aplicada ao GMO, como pudemos verificar, permitiria ter paralelo com aquilo que foram os objetivos e as ambições do processo de Helsínquia de 1972, na qual os países ocidentais adotaram uma estratégia de pressão política sobre o «bloco de leste» em plena Guerra Fria, apelando diretamente aos direitos humanos e às reformas democráticas a realizar. No entanto, e desde muito cedo, os EUA procuram afastar esta analogia, porque apesar de o objetivo principal de Helsínquia visar os direitos humanos e a democracia, as questões da segurança regional, então debate fulcral entre as partes, traria de volta um conceito que não se aplicaria neste momento, e não seria conjugável com situação então vivida (Ottoway & Carothers, 2004, pp. 2-3).

g. Os programas para o GMO

O programa proposto pelos EUA para a cimeira dos G-8⁹, e intitulado «*Greater Middle East Partnership*», definia três áreas de intervenção (Al-bab.com, 2004):

- A promoção da democracia e da boa governação;
- A construção da sociedade do conhecimento;
- Expansão das oportunidades económicas.

As medidas consideradas chave para o programa de democracia a desenvolver, continham ideias genéricas, nas seguintes áreas (Ottoway & Carothers, 2004, p. 1):

- Legalização de partidos políticos;
- Alargamento da inclusão política;
- Realização de eleições;
- Redução dos poderes dos órgãos não eleitos;
- Alargamento dos poderes de legislatura;
- Medidas concretas para garantir a independência judicial.

Baseando-se no «*Arab Human Development Report*» (AHDR) de 2002, e no relatório «*Freedom in the World 2003*» da Freedom House (FH) (FH, 2003), o documento de apresentação da nova estratégia americana, descriminava os indicadores dos chamados «deficits» da região, ao nível da pobreza, da desigualdade feminina, da liberdade,

⁹ Cimeira dos líderes do G-8, realizada em Sea Island nos EUA, em 09 de junho de 2004.



democracia, do desemprego e da corrupção. Caraterizava como eixo fundamental a «*democracia e a liberdade como essenciais para o florescimento da iniciativa individual*» (Ottoway & Carothers, 2004, p. 1). Os «*Country Reports*» da (FH, 2003) que a (Tabela 1) demonstra e resume, espelhavam nesta altura, a realidade dos regimes autocráticos da região. Dos dezoito estados analisados (ao nível dos direitos políticos e liberdades cívicas), o único com parâmetros que o classificavam como «Free Nation» (FN) era Israel. O Bahrein, a Turquia, Kuwait, Marrocos e a Mauritânia, surgiram nestes estudos como «Partly Free» (PF). Todos os restantes países analisados encontravam-se classificados como «Not Free» (NF).

Na cimeira realizada pelo G-8 em 2004 seria então oficialmente aprovado o documento intitulado «*Partnership for Progress and a Common Future with the Region of the Broader Middle East and North Africa*» (G8 Centre, 2004). Este documento dava relevo aos valores universais da liberdade, democracia e dignidade humana, justiça social e oportunidade económica. As decisões acordadas mantinham os pressupostos contidos no documento base americano, acrescentando no entanto a questão do conflito israelo-palestiniano e a referência à resolução 242 e 338 da ONU. Os EUA procuraram de início, que a cimeira não estabelecesse uma ligação entre o conflito de Israel e a situação do GMO como um todo. Foram no entanto obrigados a aceitar esta imposição, indo ao encontro do pensamento dos países muçulmanos (Coelho, 2005, pp.1-5).

Tabela 1 - Rating de liberdade do GMO em 2002¹⁰

| Free | Partly Free | Not Free | |
|--------|-----------------------------------|---|----------------------------------|
| 1.0 | 3.0 | 5,5 | |
| | Turquia | Argélia Paquistão Tunísia Jordânia | E.A.U. Iémen Líbano Omã |
| 2.0 | 4.0 | 6.0 | |
| Israel | Kuwait | Afeganistão Irão | Qatar Egito |
| 2.5 | 5.0 | 7.0 | |
| | Bahrein Mauritânia Marrocos | Iraque Líbia | Arábia Saudita Síria |

Fonte: Adaptado de (FH, 2003)

h. Condicionalismos e limitações

Da investigação e análise documental realizada, inferem-se elementos indicativos

¹⁰ «*Combined Average Ratings*».



resultantes da iniciativa política para o GMO, os quais relevam, os condicionalismos e as limitações das políticas em causa, e que nos permitem destacar os seguintes pontos:

Ao nível político e militar

- A guerra no Iraque;
- As interpretações e os conceitos diversos sobre a implantação da democracia (divisões políticas na Europa) (Vasconcelos, 2012b, pp. 62-68);
- Os governos autocráticos da região;
- A ameaça terrorista globalizada e o Afeganistão.

Ao nível religioso, social e cultural

- As reações históricas contra o ocidente e os EUA (o ator superpotência);
- A influência sempre presente do fator «religião»;
- Os extremismos e o islamismo radical;
- O problema do conflito israelo-palestiniano;
- As disputas locais e tribais.

Ao nível económico

- A geopolítica do petróleo e dos interesses económicos do mundo ocidental e de outros atores;
- Os interesses económicos diretos dos países da região.

Na Europa, muitos responsáveis políticos, nomeadamente da França e da Alemanha, consideravam que não era aconselhável uma estratégia global para o GMO. Na ótica desses responsáveis para promover a democratização no mundo islâmico, seria sempre preferível a definição de uma política adaptada a situações mais concretas e delimitadas. Toda a estratégia política para o GMO haveria de ser fortemente condicionada pela questão do Iraque, ao contrário do que então tinha sido previsto, para além da problemática sempre presente do Irão e do Afeganistão.

De acordo com o pensamento expresso por Loureiro dos Santos, pode considerar-se que a estratégia americana institucionalizada após o 11 de setembro trouxe distorções na política tradicional americana, pela influência muito concreta do grupo neoconservador junto do governo¹¹, e por uma perceção desfocada da realidade (Santos, 2006, pp. 14-15).

Como principais marcas desta estratégia salientam-se (ibidem):

¹¹ Alguns dos conceitos e dogmas aplicados, como o da «revolução democrática mundial» dos neoconservadores como Paul Wolfowitz e Elliot Abraham, deram lugar ao surgimento de novos conceitos do lado do «realismo político» de Henry Kissinger, Brent Scowcroft, C. Rice e Robert Zoellick (Debat, 2005, pp. 170-171).



- O unilateralismo nas relações internacionais;
- O «desprezo» pelas Organizações Internacionais (OI) existentes;
- O recurso a coligações de ocasião;
- Emprego da força militar sem ser em último recurso;
- Prática da guerra preventiva (em coincidência com a preentiva).

Tendo em conta o evoluir da situação, após cerca de uma década, pode considerar-se que a política seguida pela administração Bush, e em resultado de vários erros *«desacreditaram um conjunto de políticas visando a democratização da região (...) até porque o processo iraquiano esvaziou o otimismo, relativamente à democratização célere da região»* (Rato & Soller, 2008, p. 55).

i. Síntese conclusiva

Neste Cap. podemos concluir através da análise dos (conceitos e enquadramento geral), que o envolvimento «geopolítico» e «geoestratégico» da época permitiu aos EUA, após o 11 de setembro, lançar uma iniciativa (espaço político) e um conceito geograficamente alargado (espaço geográfico) dirigido aos países do GMO.

Foi criado um espaço de intervenção político, contra o extremismo islâmico e o terrorismo, procurando promover a democracia e a liberdade, como contributos decisivos para a paz e estabilidade na região (visão da democracia e da liberdade para o conceito do GMO).

Constatámos que esta estratégia se inseria na crença dos valores universais da democracia e da liberdade que George W. Bush e a administração americana partilhavam. Lançavam-se assim os objetivos estratégicos dos EUA e dos seus aliados (os programas para o GMO), definidos e conceituados através de uma visão de expansão da democracia, ainda que numa clara perspetiva unilateralista e à margem das OI.

Os múltiplos entraves ao desenvolvimento desta iniciativa (os condicionalismos e as limitações), que se foram sucedendo, muito em especial no Iraque (ações desenvolvidas), impediram a concretização de muito dos objetivos políticos e estratégicos então definidos, e abordados neste capítulo da investigação. Consideramos, assim, ter validado a Hip 1 e respondida à QD 1.

2. As revoltas da «Primavera Árabe»

a. Enquadramento

O início da segunda década do século XXI veio surpreender o mundo em geral e, em particular, os atores da política mundial com as alterações políticas, revoltas e revoluções, que protagonizaram a designada «Primavera Árabe». De forma inesperada, sem «*aviso prévio*», este vasto movimento que percorreu parte significativa da área geográfica do GMO, colocou os principais atores de cena internacional (inclusive os EUA) na surpresa, na expectativa e na dúvida, perante uma realidade que parecia de todo inconcebível e irrealizável até há muito pouco tempo.

Nenhum «conceito estratégico» recente, nenhuma conferência internacional, nenhum cenário realista, previu esta rutura dramática nos moldes verificados, num espaço geopolítico tão debatido e estudado¹².

Fonte: Revista Limes (Canali, 2011)

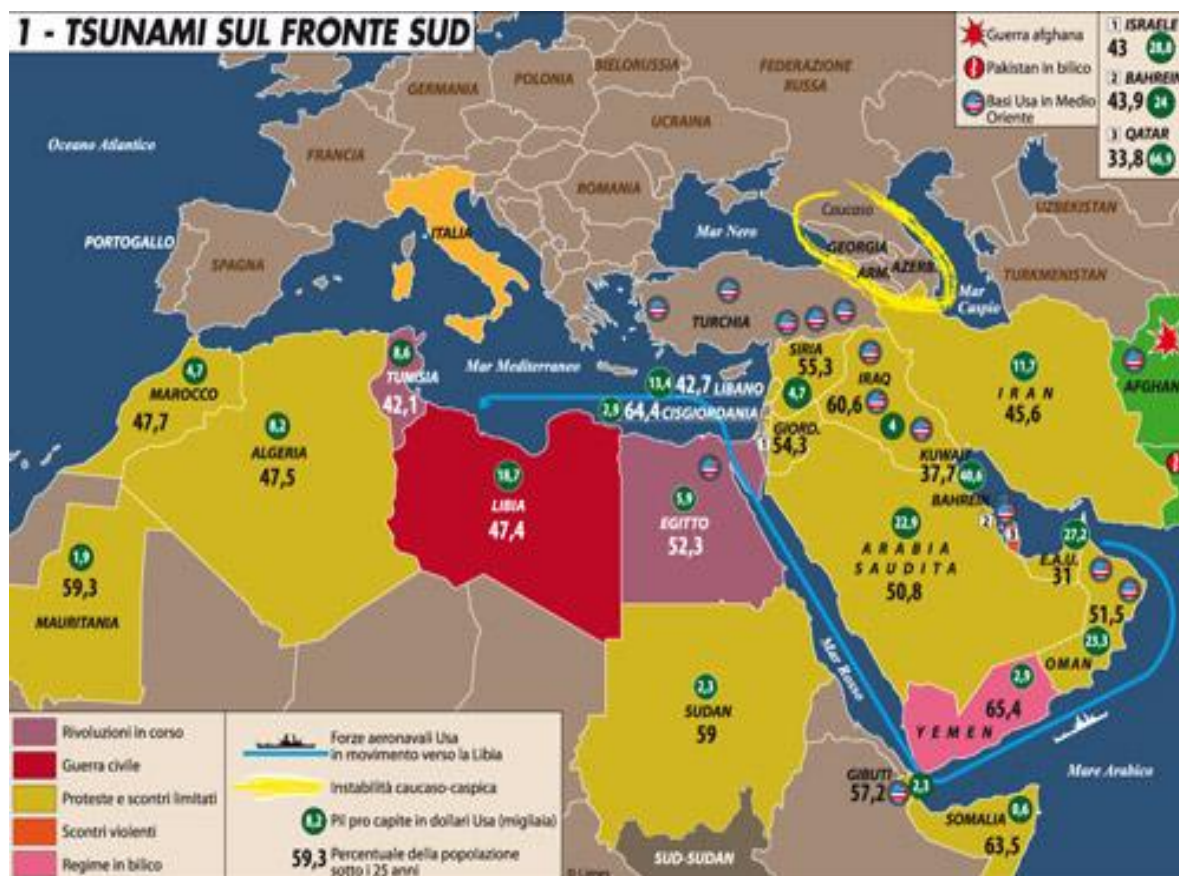


Figura 2 - Países do GMO

A Figura 2 permite perceber a geografia das alterações políticas vividas na região, e é correspondente ao período de maior desenvolvimento das revoltas, relacionando

¹² Diversos analistas de geopolítica como Lucan Way e Marc Howard compararam inicialmente este processo de alterações políticas, com a desintegração do Bloco de Leste Soviético nos anos de 1989-91 e o início de uma «fourth wave» de democratização (Way, 2011, pp. 13-23).



ainda na mesma figura, os valores da percentagem da população com menos de 25 anos e o «*Produto Interno Bruto (PIB) per capita*» em dólares dos diversos países (Canali, 2011).

A contestação aos regimes vigentes foi feita «pela rua», e protagonizada por grupos indistintos da população, sem uma liderança identificadora ou com uma liderança espontânea, em regiões distanciadas, geográfica e politicamente, com o objetivo comum de exigirem mudanças e transformações na sociedade. Os movimentos de protesto que varreram o NAMO em 2011, e que foram iniciados na Tunísia em dezembro de 2010¹³, cedo se espalharam por toda a região: Egito, Síria, Líbia, Jordânia, Iémen, Argélia, Marrocos e outros.

b. A génese e as causas - «a surpresa»¹⁴

No relatório específico para esta situação¹⁵, apresentado pela United Nations Development Programme (UNDP), destacam-se os principais problemas na ótica desta organização, que terão originado e estado na base das contestações populares (UNDP, 2011, p. 52):

- Défice de governação;
- Défice de liberdade e justiça social;
- Pobreza;
- Desemprego;
- Desigualdade.

Este relatório conclui que estes acontecimentos enfatizaram os aspetos da necessidade de uma governação democrática e reconhece em particular que, no caso concreto da Tunísia e do Egito, os mesmos não foram despoletados por pressões externas, mas foi um « (...) *grito de revolta pela escolha de participação, transparência, respeito pelas pessoas, legítima solicitação por um espaço democrático e pela dignidade humana e nacional*» (UNDP, 2011, p. 17)¹⁶.

A Tabela 2 permite-nos verificar o carácter não democrático da grande maioria dos regimes dos países do GMO no período que antecedeu as revoltas da «Primavera Árabe», e que, não teve neste campo avanços significativos em relação ao período de 2002, já anteriormente observado.

¹³ O Irão tinha também já sido palco de manifestações de forte contestação ao regime.

¹⁴ Este termo foi atribuído à forma como os círculos neoconservadores americanos terão comentado a nova realidade e foi cit. por (Frachon, 2011, p. 3).

¹⁵ «*Strategic of response to transformation change championed by youth in the Arab Region*» (UNDP, 2011, pp. 45-112).

¹⁶ Tradução do autor.



Tabela 2 - Rating de liberdade dos países do GMO¹⁷

| Free | Partly Free | | Not Free | |
|--------|-------------|---------------------|--|--|
| 1.0 | 3.0 | | 5,5 | |
| | Turquia | | Argélia Paquistão Jordânia Mauritânia EAU Iémen | Iraque Egito Omã Bahrein Qatar |
| 1.5 | 4.0 | | 6.0 | |
| Israel | Líbano | | Afeganistão Irão | Tunísia |
| 2.5 | 4.5 | | 6.5 | 7.0 |
| | Marrocos | Paquistão Kuwait | Arábia Saudita Síria | Líbia Sudão |

Fonte: adaptado de (FH, 2011)

As características das revoltas apresentaram de uma forma geral, os seguintes elementos definidores (Mucznik, 2011, p. 103):

- As alterações políticas em curso partiram do interior dos próprios países;
- Predominância da juventude;
- Utilização intensa da internet (blogs, youtube, facebook), telemóvel, Al Jazeera etc e outros meios de comunicação eletrónicos;
- Tiveram como alvo os regimes corruptos e autocráticos, e fizeram-no em nome da liberdade, pela democracia e melhores condições de vida;
- Não se apresentaram contra os EUA, o Ocidente ou Israel;
- Mantêm o Islão como referência.

O que se verificou num espaço de tempo de poucas semanas ou meses foi uma transversalidade de acontecimentos, transformados em movimentos de rua, imparáveis, que de forma mais ou menos pacífica permitiram criar as condições para alterações e derrube de regimes, situação pouco provável de prever como vimos.

A Tabela 3 permite-nos visualizar os diferentes níveis de intensidade dos protestos, realizados na primeira fase destas revoltas (primeiro semestre de 2011).

Uma das características destas «revoluções» é a não apresentação de uma ideologia ou método ideológico na sua génese ou ação. Este conjunto de acontecimentos pela sua aparente similitude e características, levou alguns analistas a referirem (perspetiva de

¹⁷ «Combined Average Ratings».



análise da escola russa), que o chamado «*controlled chain revolucion*», (Manoilo, 2011, pp. 56-69) e (Orlov, 2011, pp. 43-44) poderá estar por trás da utilização dos modernos meios de comunicação, em especial através da internet, permitindo assim, que estes acontecimentos nas suas diferentes fases, possam ser manobráveis e dirigidos do exterior, com objetivos concretos de gerar ciclos de descontentamento. Para (Manoilo, 2011) as atuais revoluções, inserem-se numa estratégia com interesses geopolíticos determinados pelos EUA, para controlo económico de certas regiões, incluindo parte de África. «*The United States intends to play a key role in this organization, putting forward the concept a new geopolitical configuration - the Greater Middle East*» (Manoilo, 2011, p. 56).

Tabela 3 - Nível dos protestos da «Primavera Árabe» no 1.º semestre de 2011¹⁸

| Intensidade dos protestos (0-3) | | | |
|---------------------------------|----------------|---------|---------|
| 0 | 1 | 2 | 3 |
| Kuweit | Irão | Argélia | Bahrein |
| Qatar | Marrocos | Síria | Iémen |
| EAU | Iraque | | Egito |
| | Omã | | Líbia |
| | Jordânia | | Tunísia |
| | Arábia Saudita | | |

Fonte: adaptado Middle East Economics Quarterly (MEEQ, 2011)

c. O elemento potenciador da revolta - as novas tecnologias de comunicação

A utilização dos novos meios de comunicação foi nas revoltas árabes, um elemento preponderante e potenciador da congregação de vontades e coordenação de esforços no sentido pretendido pelos revoltosos. Muitas vezes utilizados com intenções e efeitos propagandísticos por extremistas e mesmo pelo terrorismo organizado, as novas tecnologias de comunicação, foram agora determinantes no lançamento das revoltas populares.

A internet, através das redes sociais conhecidas (Twitter, Myspace, Youtube, Skipe, LinkedIn, Facebook e outras) e as estações televisivas de satélite, como a Al-Jazeera, congregaram milhares de pessoas nestas redes «cibernéticas de revolta», projetando eventos e manifestações, chegando com a sua mensagem a zonas, onde de outra forma seria muito difícil. Estas redes «*antecipam eventos, criam retaliações, avançam estratégias, coordenam respostas, agem como postos de comando (...). Denunciam repressão, silenciamento, encerramento de sistemas, prisão de pessoas, desmontam teses e*

¹⁸ A Síria é desde meados de 2011 protagonista de uma guerra interna de elevada intensidade que pode originar grande instabilidade regional.



comunicados oficiais, na função de resistência» (Rogeiro, 2011, p. 154).

No Apêndice II (Internet e redes sociais) podemos ver a análise dos indicadores observados.

d. Caraterização, evolução e incertezas da transição

Os regimes de região do GMO como vimos, apresentavam de uma forma geral caraterísticas autocráticas, alguns facilmente definíveis como ditaduras, mais ou menos férreas, onde a democracia tal como a entendemos não tem lugar. Ninguém nesta fase poderá dizer com clareza qual será o futuro destes países, e os resultados que serão atingidos pelas revoltas em curso, muito em especial ao nível da implantação da democracia.

O conjunto das situações desenvolvidas apresenta contudo, uma diferenciação ao nível da sua caraterização (Mandraud, 2011, p. 43):

- Os casos em que podemos designar de apelo às reformas (Marrocos, Argélia, Mauritânia, Jordânia e países do Golfo);
- Tomada do poder (Tunísia, Egito);
- Movimentos de contestação armada /guerra civil (Líbia e Síria);
- Movimentos de forte contestação política (Iémen, Iraque, Bahrein).

Apesar de estarmos perante um movimento de grande amplitude, não o podemos enquadrar e tipificar de igual forma para todas as situações, muito em especial porque é previsível que a tipologia dos efeitos políticos seja muito diferenciada de estado para estado, ou até mesmo em termos de região ou sistema político. Muito provavelmente, a transição da Líbia irá apresentar contornos muito diferentes da transição da Tunísia (país que já realizou com sucesso e de forma democrática, as primeiras eleições para a sua Assembleia Constituinte).

Podemos inferir que o que caracteriza os movimentos da «Primavera Árabe» é ainda a grande incerteza e imprevisibilidade dos desenvolvimentos políticos. Contudo ao nível do «espaço democrático» ressaltam-se os seguintes fatores:

- As estruturas políticas dos regimes foram abaladas e vários foram derrubados;
- A diferença no posicionamento inicial das Forças Armadas durante as revoltas - Tunísia e Egito (do lado dos revoltosos), versus Síria/Bahrein (do lado do poder) e na desagregação (Líbia/Iémen) (Barany, 2011, pp. 23-36);
- A perceção que a revolta popular contra os regimes autocráticos, pode efetivamente triunfar nesta região;



- Alterada a convicção (mesmo a ocidente) que só os islâmicos radicais teriam influência nos processos políticos da região (Mucznik, 2011, p.101);
- A transição para a democracia em alguns destes países pode ser uma realidade (Vasconcelos, 2012b);
- O impacto das revoltas na alteração dos sistemas eleitorais e políticos¹⁹ (Tabela desenvolvida no anexo C);
- O «espaço democrático» tem ainda um longo caminho a percorrer face à prática política e social do islamismo e à força que este representa nestas sociedades (Moyen - Orient, 2012, p. 3).

Parte destes fatores puderam ser observados de uma forma geral em quase todos os países e na área alargada do GMO. No caso da Tunísia e do Egito, as manifestações apelavam para o «*desmantelamento do estado cleptocrático*» do partido presidencial, pelo voto livre e universal e pela liberdade.

Na Mauritânia as reclamações de mudança de regime, do presidente e do governo não foram conseguidas. Em Marrocos pediram-se reformas democráticas e um referendo constitucional, que foram acolhidos em parte pelo rei. No Iémen e em especial na Síria, assiste-se a constantes movimentos de revolta e quase guerra civil, dirigidos contra o poder instituído, que tem usado de fortes meios de repressão, criando uma situação de autêntico confronto aberto na sociedade. Na Líbia aguarda-se que a transição pós-Kadhafi não conduza a uma guerra civil, dada a natureza tribal da organização política do regime. Na Jordânia foram muitas as manifestações que apelavam ao fim da corrupção, pela liberdade e por maiores poderes do parlamento eleito. O que se pode constatar em definitivo é que existiu em todas estas revoltas um desejo efetivo de maior liberdade, de democracia e de alteração dos regimes existentes. Esta vontade materializou-se através da destituição pura e simples dos governantes de forma pacífica ou pela via do confronto armado, ou através de alterações constitucionais em favor de uma prática de maior democracia e de maior participação dos cidadãos.

O gráfico 1 baseado em indicadores registados no Anexo A, traduz os desenvolvimentos verificados ao nível de alterações na estrutura democrática, em alguns dos principais países envolvidos neste processo. Estes desenvolvimentos ao nível da democracia são mais notórios na Tunísia e no Egito, embora o espaço de tempo em análise

¹⁹ Os critérios chave para analisar a evolução para a democracia com base nos sistemas eleitorais, são normalmente baseado nos seguintes pressupostos: (*inclusiveness; minimal distortions; incentives to build coalitions; individual accountability; simplicity*) (Carey & Reynolds, 2011, p. 37).

seja ainda demasiado curto.

Fonte: Adaptado de (The Economist, 2010) e (The Economist, 2011)

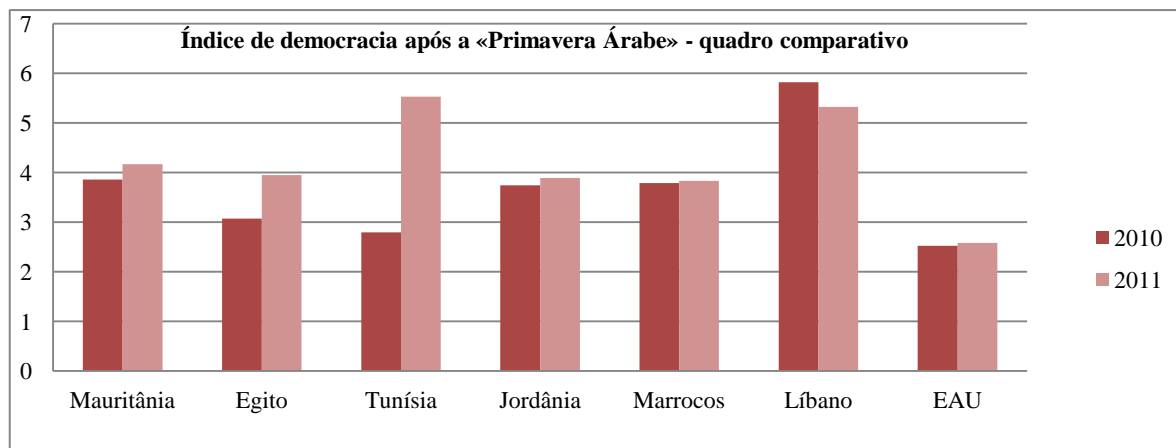


Gráfico 1 - Índice de democracia após a «Primavera Árabe»

Como refere (Plattner, 2011, p. 7) e (Vasconcelos, 2012b) é bastante visível, que os movimentos de protesto nos países árabes invocaram os princípios universais da dignidade humana, da liberdade e democracia, conjugados com o nacionalismo ou a cidadania. Para (Vasconcelos, 2012a, pp. 19-20) esta onda democrática insere-se contudo numa mudança mais alargada «pós-mundo ocidental», em que a agenda global deixou de ser exclusiva do ocidente, tal como o conceito de democracia e liberdade. Pode concluir-se também, que na génese e origem destes movimentos não estão os grupos extremistas islamitas, embora estes possam em diferentes etapas deste processo, vir a condicionar ou mesmo dirigir estes movimentos num caminho oposto à democracia.

Por outro lado, o estudo apresentado pelo «Arab American Institute Foundation» (AAIF, 2011) dá-nos uma visão baseada em indicadores de opinião interna, colhida em alguns países árabes (Gráfico 2). Os indicadores refletem que existe uma clara indicação positiva sobre a «Primavera Árabe» nos países em análise.

Fonte: Adaptado de (AAIF, 2011)

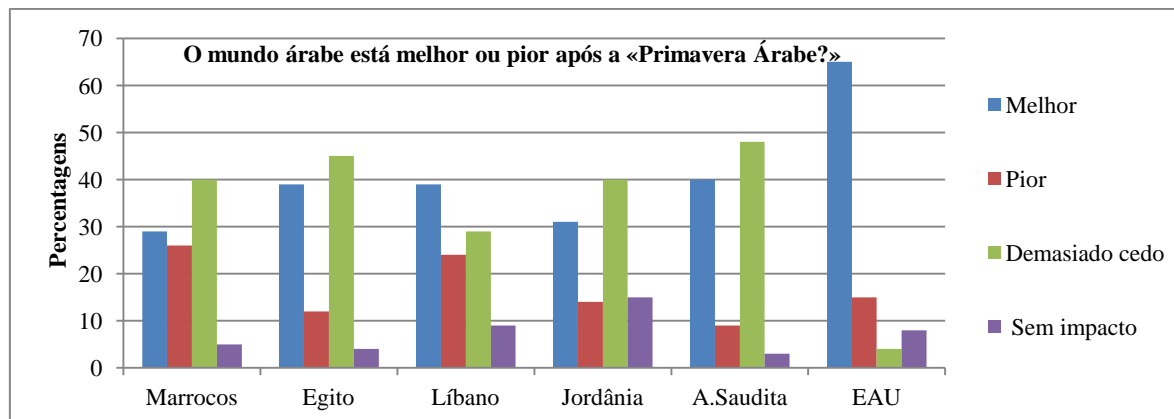


Gráfico 2 - «Opinião sobre se o mundo árabe está melhor ou pior após a «Primavera Árabe»



A questão da transição política irá ser um enorme desafio para a grande maioria destes países, que não têm um modelo homogéneo e são muito diferentes entre si. A justiça e a reconciliação, como refere (Harman, 2011a, p. 2), após as transições, irão assumir um papel fundamental na concretização de um processo democrático. Esta etapa do processo político leva (Frachon, 2011, p. 3) a referir que «*A la dictature succède une phase de chaos. Le chemin qui conduit à la démocratisation sera long, à Tunis, au Caire ou ailleurs. L'objectif final n'est pas garanti*».

e. Síntese conclusiva

Neste capítulo concluímos que os movimentos de protesto, revoltas e revoluções (que percorreram todo o espaço geográfico que constitui o NAMO) utilizaram na sua génese, a linguagem da democracia e tiveram como alvos prioritários os regimes corruptos e autoritários da região, embora mantendo o Islão como referência (a génese e as causas).

Verificámos, que estes movimentos de contornos indefinidos e inesperados tiveram como meio agregador e impulsionador das suas ações, os novos meios de comunicação, em especial utilizados por jovens e foram contestações realizadas sem líderes e organizações assumidas (o elemento potenciador da revolta).

As estruturas políticas dos regimes analisados foram abaladas e muitos regimes derrubados, embora os movimentos islamitas estejam a assumir um papel preponderante.

Existiram em todas as revoltas, indicadores da necessidade de maior liberdade e democracia, que se traduziram em alguns casos na alteração da estrutura política existente (sistemas eleitorais e constitucionais).

Concluímos também, que a imprevisibilidade e a incerteza dominam, e que a transição para a democracia poderá ser uma realidade em alguns destes países, embora com um caminho a percorrer, onde o islamismo radical pode assumir uma predominância relevante (caraterização, evolução e incertezas da transição).

Consideramos desta forma ter respondido à QD 2, e validada a Hip 2.



3. A Democracia - paz e estabilidade na região

a. O espaço da democracia e o Islão: percepções e conceitos diferenciados

Tem sido recorrente considerar que a região do GMO apresenta características próprias de governabilidade, que não permitem ou inibem a implementação dos princípios gerais da governabilidade democrática e de liberdade de expressão, assim como a constituição de poderes genuinamente eleitos e representativos da vontade dos seus habitantes. Coloca-se então a questão de saber, se o Islão e a democracia são realidades compatíveis.

Sobre este assunto (Pinto, 2007, p. 4) considera que estes dois conceitos (Democracia e Islão), são suscetíveis de interpretações diversas « (...) *que lhes conferem diferentes graus de abrangência e de latitude*». A própria noção de democracia, numa perspectiva interna das sociedades islâmicas, do conceito de democracia como «*regra do consenso*», numa prática ancestral e tomada como lei, em que se articula as «fatwas», e onde as decisões dos líderes locais e religiosos assumem o valor de lei, não se enquadra naturalmente nos pressupostos para a consideração de um estado democrático e dos valores gerais da democracia.

O facto de todos estes países seguirem o Islão, ainda que com formas e práticas diferentes, mas muito baseadas na interligação dos princípios do islamismo à estrutura mais geral da jurisprudência, torna ainda mais difícil uma maior aproximação aos conceitos gerais da separação de poderes. Assim a jurisprudência islâmica (fikh) «*apresenta-se como entrave à democracia porque as suas decisões, que têm efetividade jurídica e são fonte de direito, são de natureza religiosa (...)*» (Pinto, 2007, p. 5).

Apesar dos constrangimentos que o Islão impõe, parece ser consensual que existe uma necessidade de criar uma compatibilidade com a assimilação da democracia e dos seus princípios, naturalmente começando com a progressiva separação entre a religião e o Estado. Contudo, podemos também inferir que «*Não é somente o vetor religioso que condiciona a aplicação dos princípios democráticos (...) o grau de democraticidade destes países varia em ordem a fatores culturais, educacionais, económicos e sociais*» (Pinto, 2007, p. 2).

A questão da implementação da democracia passa também pela igualdade de oportunidades, que evite a discriminação da mulher na maior parte destas sociedades de cariz não democrático. A crescente importância da juventude nas revoltas árabes, e do acesso desta à internet e aos meios audiovisuais globais poderão permitir uma alteração de mentalidades em favor da democracia.



De uma forma genérica, verificou-se a implementação ao longo do tempo, de tímidas reformas de cariz democrático, em alguns países da região (Egito, Jordânia, Marrocos, Kuwait, EAU, Bahrein, e Omã, e que « (...) *do ponto de vista teórico-dogmático, não existe incompatibilidade entre o Islão e a democracia, mas a realidade demonstra que, na maior parte dos casos, os mecanismos democráticos foram postos ao serviço dos poderes instalados, e, como tal, utilizados de forma abusiva*». E que a perceção da realidade parece demonstrar que « (...) *é ainda longo o caminho a percorrer para a existência, nestes países de alguma democracia*» (Pinto, 2007, p. 21).

Numa perspetiva islâmica, de que o Islão é compatível e incorpora a democracia John L. Esposito, argumenta que «*Islamic movements have internalized the democratic discourse through the concepts of shura (consultation), ijma (consensus), and ijthad (independent interpretative judgment)*» (John L. Esposito cit. por Bukay, 2007, p. 71) e considera ainda que a democracia já existe no mundo muçulmano. No mesmo sentido (Saint-Prot, 2012, p. 21) refere que a religião muçulmana pode parecer em contradição com os sistemas democráticos tipo ocidental, no entanto tal se deve apenas a uma perspetiva do seu carácter global, e que « (...) *la dimension sociale et humaine du droit n'est pas ignorée dans le droit islamique (...)* ». Bukay no entanto, e numa perspetiva diferente, considera que « (...) *basic principles as sovereignty, legitimacy, political participation and pluralism, and those individual rights and freedoms inherent in democracy do not exist in a system where Islam is the ultimate source of law*» (Bukay, 2007, p. 78). Refere também, que não basta a aceitação de estruturas básicas tipo ocidental (parlamento, constituição) para que isso, na verdade, possa significar democracia. A falta de pré-requisitos para a democracia no GMO, foi objeto de amplo debate em «*Can the Middle East sustain democracy?*»²⁰ com a obtenção de resultados e perspetivas muito diferenciadas na compatibilidade entre o Islão e democracia (Middle East Strategy at Harvard) (MESH, 2008, pp. 1-13).

Existe ainda para muitos autores, uma abordagem que diferencia a aceitação dos princípios da democracia entre países muçulmanos não árabes e os estados árabes, caracterizando-se estes últimos por uma maior obstaculização à democracia²¹ (Diamond, 2010), (Zakaria, 2005).

²⁰ (Charles Issawi, em «Economic and Social Foundations of Democracy in the Middle East, International Affairs», 1956 cit. por MESH, 2008) considera que «*In the Middle East the economic and social soil is not enough to enable political democracy to strike root and flourish*».

²¹ A Indonésia e a Turquia, entre outros, são estados muçulmanos de uma forma geral considerados democráticos. A Turquia é vista em muitos setores árabes, como um referencial para a implantação da democracia.



Por sua vez, as teorias e os conceitos, que afirmam que a democracia depende da estrutura étnico/cultural ou é uma questão apenas do Ocidente, são considerados como um mito, por muitos autores dos quais destacamos (Sharansky, 2006, pp. 18-38), que preferem antes reconhecer, que todos os povos e culturas têm direito à democracia e à liberdade individual, e particularmente os povos da região do GMO. Neste sentido, também Anawar Ibrahim, considera que « (...) *the debate about democratization is anything but theoretical. It emanates from our innate desire for honor and dignity and the natural human instinct for survival and development*» (Ibrahim, 2006, p. 11).

Podemos concluir nesta fase, que as tradições culturais islâmicas, bem como as estruturas políticas de base e religiosas dificultam a implantação e o desenvolvimento da democracia e a sua aplicação à sociedade em geral, quando não se encontram separadas do Estado, mas que não existe incompatibilidade formal para a existência e adaptação de sistemas democráticos.

b. Indicadores de democracia e liberdade

Para a investigação considerámos a análise de indicadores de democracia e liberdade, editados por instituições internacionais reconhecidas neste domínio, e que permitem retirar conclusões sobre o «estado da democracia» e sobre a evolução que terá havido nos períodos em análise. Ao nível dos «instrumentos de medida», analisámos os relatórios do Arab Knowledge Report (AKR) de 2009 (UNDP, 2010), os relatórios de 2003, 2010, 2011 e 2012 da FH e as tabelas do Status of Democracy Index's (SDI) - ranking do «Middle East Quarterly» de (1999, 2005, 2007) (Sarsar, 2006) e (Sarsar, 2008), L'Arab Barometer Survey (L' Arab Barometer Survey, 2011), os relatórios da Transparency International (TI) (TI, 2010) e (TI, 2011), o Intelligence Unit's of Democracy (IUD) de 2010 e de 2011 (The Economist, 2010) e (The Economist, 2011), o estudo da Pew Research Center de 2011 (Moyen-Orient, 2012) e ainda o estudo do (AAIF, 2011).

No Apêndice I, apresentamos uma análise geral dos indicadores da democracia e liberdade considerados. O Quadro em Anexo A, apresenta também uma perspetiva global e comparativa de parte dos indicadores em estudo.

Conclui-se deste estudo, que o NAMO é uma região com um nível muito baixo de democracia. Na Tabela 4, é apresentada uma análise comparativa entre as várias regiões do globo, ao nível dos índices de liberdade respeitante a 2010. Da análise desta tabela, verifica-se que esta região apresenta valores muito distantes de todos as outras regiões do globo, o que é particularmente significativo na análise que estamos a efetuar sobre a



ausência de democracia na região. Somente existe um país nos considerados livres (Israel), três países nos parcialmente livres e quatorze países nos não livres.

Tabela 4 - Comparação dos espaços regionais ao nível dos índices de liberdade

| Espaços Regionais | Livres | Parcialmente livres | Não livres |
|-------------------------|----------|---------------------|------------|
| Américas | 24 (69%) | 10 (29%) | 1 (3%) |
| Ásia-Pacífico | 16 (41%) | 15 (38%) | 8 (21%) |
| Europa de Leste/Ex-URSS | 13 (45%) | 9 (31%) | 7 (24%) |
| NAMO | 1 (6%) | 3 (17%) | 14 (77%) |
| África Sub-Sahariana | 9 (19%) | 22 (46%) | 17 (35%) |
| Europa Ocidental | 24 (96%) | 1 (4%) | 0 (0%) |

Fonte: Adaptado de (FH, 2011)

A autocracia com variantes étnicas e tribais ou comunalistas e a teocracia são a regra na região. Conforme os elementos analisados relevam, o espaço que é deixado para a democracia, não prevê grande otimismo a curto prazo. Contudo, o que os ventos da revolta árabe trouxeram, pode ser um passo muito importante e decisivo na esperança e na possibilidade, que esta região desperte para os valores universais dos direitos humanos e da liberdade, independentemente do estigma religioso e cultural, que possa em maior ou menor grau perdurar nestas sociedades. Foi criada a perceção clara que os sistemas democráticos em alguns países árabes são agora possíveis (Plattner, 2011, pp. 1-12).

O gráfico 3 abaixo representado, dá-nos o resultado do estudo efetuado pelo (AAIF, 2011), nos países referidos, tendo por base a pergunta «*Em que medida a falta de democracia representa um obstáculo à paz e estabilidade no MO?*» Observamos que os valores obtidos em Marrocos e no Egito são superiores a 50%, enquanto nos restantes países os resultados são menos expressivos.

Fonte: adaptado de (Arab Attitudes, 2011 (AAIF) cit. em Limes, 2011, p.10)

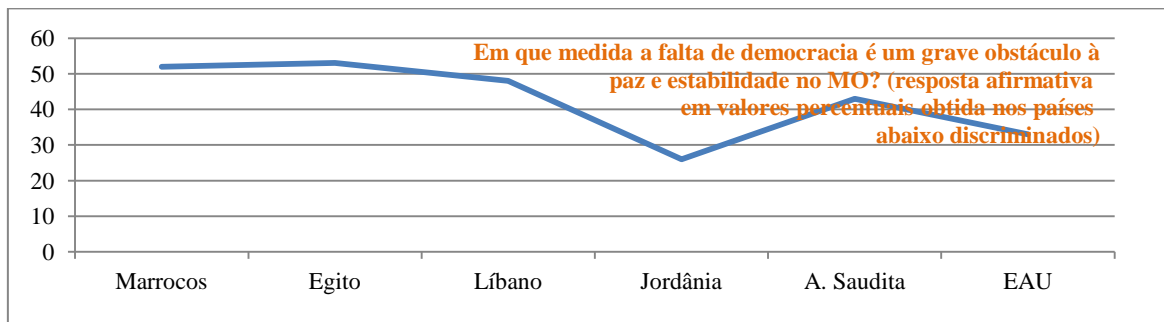


Gráfico 3 - A falta de democracia como obstáculo à paz e estabilidade

c. O caminho da democracia e fatores condicionadores

Em relação à estratégia americana para o NAMO, ao nível do patamar da democracia, o presidente norte-americano Barack Obama manteve de uma forma geral, os princípios gerais então expressos no lançamento da estratégia para o GMO em 2003 de George W. Bush. No entanto, a diferença reside no facto de não ter sido seguido o conceito de unilateralismo, usado pela anterior administração. Assim, B. Obama *«aceita que a democratização dos regimes autocráticos da região é essencial para combater o jihadismo, como também acredita que os regimes democráticos não se guerreiam, pelo que a democratização se afigura como uma condição para assegurar a pacificação da região»* (cit. por Rato & Soller, 2008, p. 72). Embora as conceções de estratégia global tenham sido alteradas, as questões da «agenda da liberdade» mantiveram as suas ambições e objetivos para toda a região, sendo que as divergências apenas surgem relativamente no modo de aplicabilidade, fruto da nova conjuntura que é substancialmente diferente. A atual estratégia americana passa então por rejeitar o *«status quo»*, e apoiar aquilo que são os direitos universais a que o presidente B. Obama tem dado particular ênfase (Huff Post World, 2011, pp. 1-14) e (Lesnes, 2011b, p. 22).

No entanto, como podemos verificar através da representação do gráfico abaixo, as populações da região têm uma apreciação bastante desfavorável dos EUA, agravada no ano de 2011, em comparação com os anos de 2008 e 2009 (expetativa Obama não concretizada). Marrocos e o Egito são os casos mais sintomáticos.

Fonte: Adaptado (Arab Attitudes 2011, (AAIF) cit. por Limes, 2011)

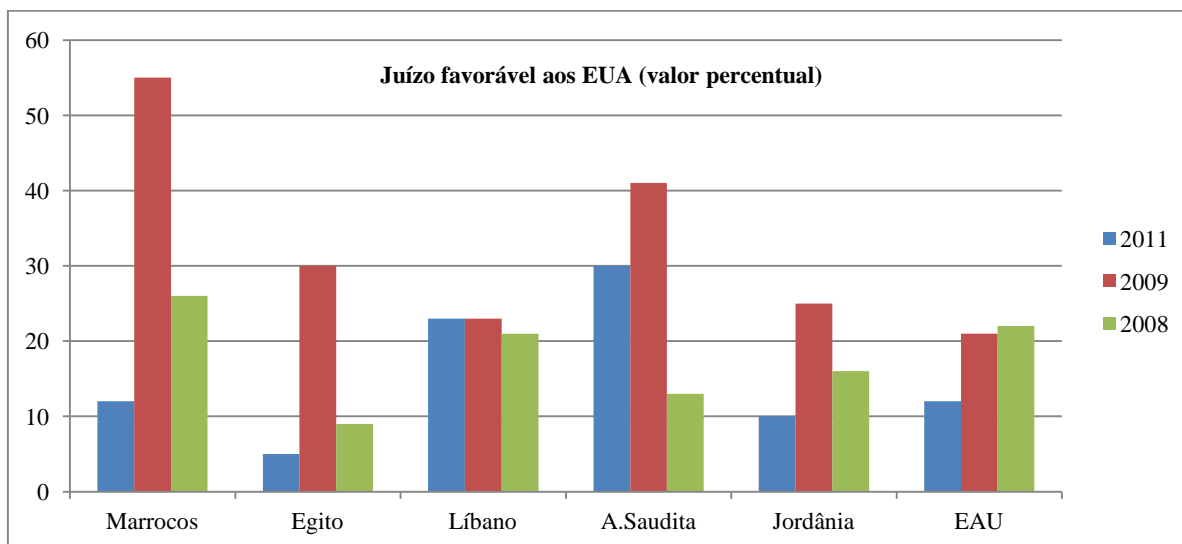


Gráfico 4 - Juízo favorável aos EUA

Por sua vez a Europa, assolada por uma crise económica e financeira, social e política muito profunda, terá ainda maior dificuldade na capacidade de influenciar as



políticas da região e (Pinto, 2011, p. 135) considera mesmo a necessidade de um novo paradigma na política externa da UE, correndo o risco de esta se remeter à irrelevância na região em estudo. A Europa necessita de ter uma política externa comum mais ativa « (...) *para poder lidar com estas transformações nos vizinhos da outra margem do Mediterrâneo*» (Vasconcelos, 2012b).

Em face dos diversos indicadores e elementos analisados, consideramos como condicionadores do avanço da democracia e da existência de governos democráticos na região, os seguintes fatores:

- A religião (Os estudos do (L' Arab Barometer Survey, 2011), demonstram por exemplo, que existe ainda uma percentagem importante da população árabe, que não é favorável à separação do Estado da religião);
- A história e cultura da região (árabe e muçulmana) (Lewis, 2003, pp. 115-138);
- Os interesses económicos (comércio, muitas vezes tráfico);
- O combate contra os «ocidentais» e Israel (estigma que perdura);
- A preservação dos interesses locais e nacionais (política de clãs e tribal);
- Teorias que relevam que os «países produtores de petróleo por regra não aceitam a democracia» (Ross, 2011, pp. 2-7);
- Teorias que referem que a «não tributação fiscal» na grande maioria dos países do MO é uma das causas para a não existência de democracia (Diamond, 2010, pp. 1-12).

d. Os obstáculos políticos à democracia

Os grandes inimigos da democracia e da governabilidade democrática nesta região, ao longo da última década, têm sido as autocracias, o islamismo radical e o terrorismo.

A grande maioria dos poderes instituídos no GMO são regimes de natureza autocrática, que apresentam alguns elementos definidores da sua ação política, dos quais destacamos os seguintes (Pinto, 2007, pp. 8 - 9):

- O principal objetivo das reformas realizadas em muitos destes países visou apenas a manutenção do poder;
- Realização de alguns processos eleitorais, que foram de forma geral manipulados e sem a garantia de liberdade (caso do Egito em 2005);
- A ameaça do terrorismo «*fez regredir o processo controlado da abertura democrática*» (ibidem);



- As intervenções militares (Afeganistão e Iraque) deram origem a um clima de tensão regional, que favoreceu algumas autocracias;
- A questão da constante e repetida argumentação anti-israelita no mundo árabe, contribuiu para o reforço das autocracias;
- Os interesses económicos e individualizados dos países ocidentais facilitaram muito a permanência no poder destes regimes.

Por outro lado, a corrente islamita em todo o mundo muçulmano e muito em especial no NAMO, pelos seus ideais e objetivos e pela sua prática, são nas sociedades atuais da região, um obstáculo sério à democracia e aos valores da liberdade e como consequência da sua ação, uma permanente fonte de conflito e instabilidade. Os seus objetivos passam por denunciar e combater em nome do Islão tudo o que seja associado ao ocidente e aos seus valores, particularmente a democracia. No Egito, na Arábia Saudita, na Argélia e com mais evidência no Afeganistão, Paquistão e Iraque, a corrente islamita tem espalhado a sua crescente influência e atividade, pondo em perigo em muitos estados e regiões, a paz e a estabilidade com as suas ações e métodos contrários à democracia.

Uma das grandes ambições desta corrente é « (...) *abolir les frontières au sein du monde musulman et à regrouper en un même ensemble politique tous les pays où l'islam est la religion plus ou moins majoritaire*» (Lacoste, 2006, p. 312). Os islamitas radicais estão no poder no Irão, na Somália e no Sudão, e aspiram ao retorno do poder no Afeganistão. Esta doutrina é uma verdadeira corrente geopolítica de implantação muito forte no NAMO, mas que tem contra si, todos aqueles que no mundo muçulmano e muito em especial no mundo árabe, não pretendem o regresso a uma qualquer Idade Média, nem pretendem viver no obscurantismo religioso e social e no «antagonismo étnico» que professam. O islamismo moderado por seu lado, pode ascender ao poder na Tunísia, no Egito e outros países onde a sua influência é notória, como resultado da abertura democrática dos regimes após a «Primavera Árabe» e por via eleitoral.

O terrorismo, ao qual Osama bin Laden e a Al-Qaeda deram corpo, foi ao longo da primeira década do século XXI a maior ameaça ao mundo ocidental, obrigando a potência mundial (os EUA), a empenhar-se decisivamente para o combater. Com a morte de Osama bin Laden e o decréscimo da atividade terrorista islâmica, resultado do forte empenhamento americano e dos países ocidentais, e com o mundo a atravessar uma grave crise económica sem precedentes, surge a oportunidade de conceber uma nova estratégia adequada à evolução do SI, que permita avanços na paz e estabilidade dos povos na região (McCants, 2011, pp. 20-32). Pelo acima exposto, podemos em género de reflexão, partilhar



o conceito de que « (...) o caminho para a democracia, como a história ocidental amplamente demonstra, é longo e complicado, cheio de armadilhas e obstáculos» (Lewis, 2003, p. 187).

e. Indicadores de conflitos

A região do GMO tem sido ao longo dos séculos e em particular a partir da segunda metade do século XX, uma região fértil em conflitos²².

O quadro em Anexo A apresenta os principais conflitos registados pelos países que constituem o GMO, nas últimas seis décadas. No mesmo quadro pode-se inferir, que na grande maioria dos estados muçulmanos, a conflitualidade interna e externa é um fator praticamente permanente²³. Com menor intensidade nas monarquias do Golfo Pérsico por razões de repressão interna, e da capacidade financeira derivada do petróleo e também pelo próprio protecionismo dos EUA. Por sua vez o gráfico 5 reflete a frequência dos diferentes conflitos, crises e guerras registadas nos anos de 2008, 2009 e 2010 no NAMO. As tipologias de conflitos registadas são diversas: sistemas/ideologia, poder nacional, poder regional, recursos, territoriais, e ideológicos. Também sobre a análise dos conflitos na região foi consultada a (Uppsala Universitet, 2012) – Department of Peace and Conflict Research.

Fonte: Adaptado de Heidelberg Institute for International Conflict Research (HIICR, 2011)

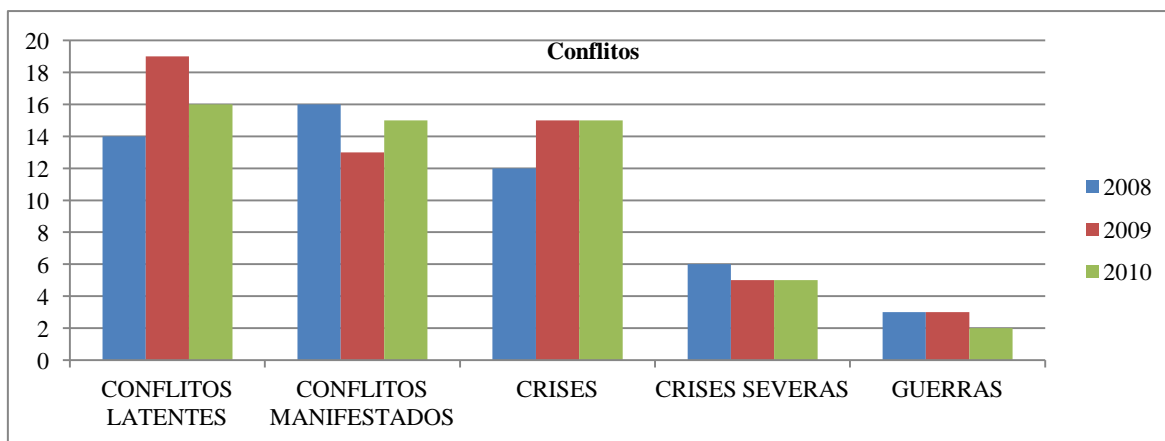


Gráfico 5 - Barómetro dos conflitos no NAMO

Podemos inferir que existe uma relação entre a ausência de democracia e as situações de conflito e instabilidade na região. Nos estados democráticos perante uma situação de conflito iminente, os seus governantes, que dependem do povo que os elegeu,

²² Samuel Huntington aponta possíveis causas da «propensão dos muçulmanos para o conflito». Nos conflitos extramuçulmanos a proximidade e a «inassimilabilidade» e ainda o estatuto de vítimas. Nos conflitos internos e externos, o militarismo e recentemente os picos demográficos e a ausência de Estados-núcleos (Huntington, 1999, p. 310).

²³ De acordo com Huntington, existe uma «propensão muçulmana para o conflito violento», na resolução das crises internacionais (Huntington, 1999, p. 304).

consideram a guerra ou o conflito como último recurso e farão o possível por chegar a um compromisso (Sharansky, 2006, p. 79). Pode-se concluir que, associado ao fator da não existência de liberdade e de democracia nestes regimes, está também o elevado grau de instabilidade, conflitualidade e mesmo guerra, que têm permanecido de forma constante nestas sociedades ao longo do tempo.

A Figura 3 abaixo, mostra-nos uma realidade de natureza particularmente conflitual, onde os efeitos da «Primavera Árabe» se irão ainda projetar, podendo em alguns casos, potenciar este grau de conflitualidade, como é o caso da Líbia, Síria, Iémen e outros, « (...) *Peace-building and democratization are never easy, particularly after civil wars in societies divided along ethnic or religious lines*» (Kinsella & Rousseau, 2008, p. 489).

Fonte: (HIICR, 2011)

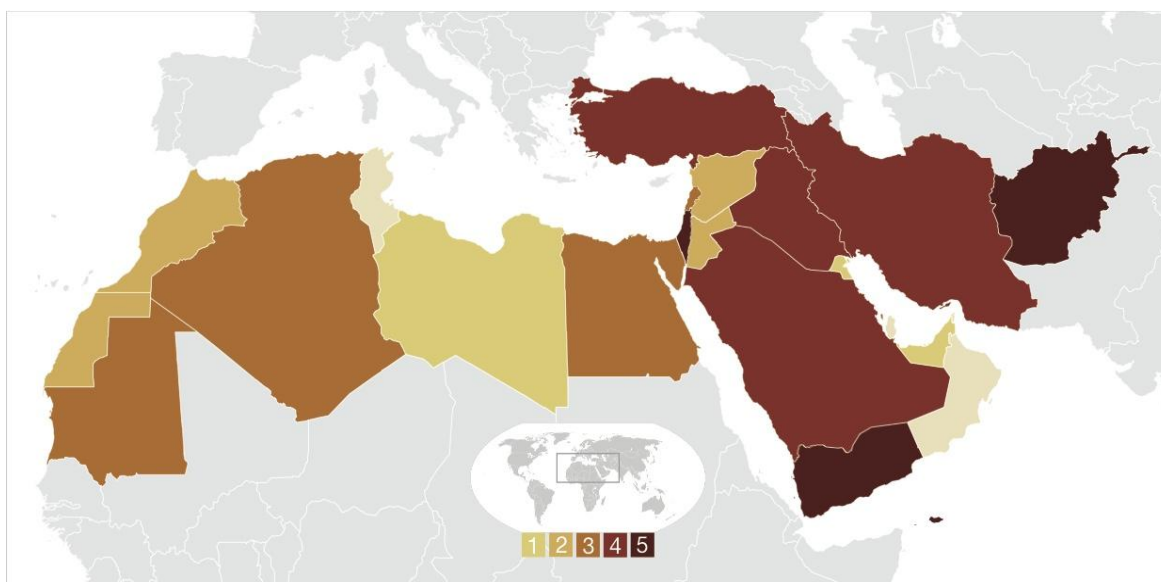


Figura 3 - Intensidade dos conflitos reportada a 2010²⁴

f. Paz e estabilidade

Os estudos efetuados ao longo do tempo permitem de uma forma genérica concluir, que os governos democráticos pelas suas características potenciam de uma forma geral a resolução de conflitos, sejam eles de natureza interna ou externa. Podemos aliás entender que « (...) *essa mesma ligação entre a democracia, a paz e o desenvolvimento, traduzindo o entendimento de que os regimes fundados no respeito pelos direitos humanos e na democracia são a melhor forma de garantir a paz mundial, está presente na Declaração de Manágua dos Estados Americanos*»²⁵.

²⁴ Níveis de intensidade de 1 a 5, sendo de 1 (conflito latente) a 5 (correspondente a guerra).

²⁵ (Juan Francisco Escudero Espinosa, «Hacia una intervención (...)» pp. 370 e 371, cit. por Otero, 2001, p. 251).



Na mesma linha, o modelo teórico apresentado por (Ward & Gleditsch, 1996), subordinado ao tema específico - «**Democratization and peace**» -, é baseado na construção de um sistema de variáveis independentes, adaptado aos processos de transição e designado «*Three Sets of Empirical Estimates of Logistic Models of the Probability of War based on Authority Characteristics*»²⁶. A aplicação deste modelo é genérica, evidenciando os seguintes aspetos (Ward & Gleditsch, 1996, pp. 1-9):

- Que quanto mais democrático for um regime, menor são as hipóteses de haver um conflito entre estados;
- No caso de uma democracia mais débil, na transição para uma estrutura democrática mais forte, reduz-se o risco de envolvimento em cerca de 75%;
- A mudança de um estado de estrutura autocrática, para uma estrutura democrática, reduz o risco de guerra ou conflito para valores da ordem dos 50%.

Este estudo permite conceituar que num sistema democrático, através de eleições, sistemas representativos institucionais, a responsabilidade dos responsáveis políticos perante os eleitores, a obrigação de estes se sujeitarem a novos veredictos eleitorais etc., garantem uma menor propensão para situações de conflito, ou seja de uma forma geral, os riscos de guerra reduzem-se com a democratização (ibidem).

A implementação e a consolidação do sistema democrático, e dos mecanismos que lhe são adstritos está diretamente ligada à questão da segurança, da paz e estabilidade. Sobre este assunto Sharansky considera que «*A lack of moral clarity is also the tragedy that has befallen efforts to advance peace and security in the world. Promoting peace and security is fundamentally connected to promoting freedom and democracy*» (Sharansky, 2006, p. XIX). A importância da Comunidade Internacional (CI) é fundamental para que a democracia possa ser uma realidade no GMO, tal como em outras regiões do globo, e possa também ela contribuir para reduzir os níveis de conflitualidade e de instabilidade na região. A UE e os EUA são atores internacionais com especiais responsabilidades nesta área. «*Em nenhum outro lugar além do MO, este dilema complexo dos nossos dias entre ordem e instabilidade, liberalismo e democracia, laicismo e radicalismo religioso encontra maior acuidade, em todas as suas facetas mais preocupantes*» (Zakaria, 2005, p. 114).

g. O Egito - o ator charneira

O Egito foi um caso de insucesso da estratégia americana e ocidental na

²⁶ Este modelo utilizou o programa Polity III (*Correlates of war data sets*).



democratização de um regime na área do GMO, na primeira década do século XXI. Os programas existiam, as ideias foram lançadas, mas a situação internacional e a interação desses programas com a sua implementação, muitas vezes através de «Organizações Não Governamentais» (ONG), não tiveram repercussões internas visíveis, e os projetos nunca obtiveram os resultados esperados. O combate ao terrorismo foi muitas vezes o argumento dado pelo regime e pelos países ocidentais, facto que não permitiu durante anos, qualquer tipo de «primavera liberal» na sociedade egípcia. A revolução de janeiro de 2011, ao depor o presidente Hosni Mubarak, introduziu uma alteração de liderança que não é tradição no Egito. As transições de poder têm sido muito raras. Após a independência da Inglaterra em 1952, o Egito teve apenas três líderes: Gamal Abdul Nasser (1952-1970), Anwar Sadat (1971-1981) e Hosni Mubarak (Schenker, 2011, p.ix).

Nos diversos estudos sobre democracia, liberdade e corrupção ao longo do tempo, o Egito apresenta valores muito desfavoráveis: a (FH, 2011), classificava-o como «NF», com valores negativos em todos os parâmetros de análise. A (The Economist, 2011) atribui já após a Primavera Árabe, um valor de Hybrid Regime (HR). Na tabela de índices de liberdade de imprensa (dados do ano de 2008), era apenas o 146, entre 173 estados analisados (UNDP, 2010). A (TI, 2011), coloca-o em 112 entre 178 estados na análise dos índices de corrupção. Ao nível da liberdade de utilização da internet, a FH coloca o Egito na categoria «PF», com uma capacidade de penetração de 24% (FH, 2011). Existe efetivamente um enorme desafio interno neste país, que se coloca com a ameaça que representa a influência maioritária dos islamitas da «Irmandade Muçulmana» (IM) e dos radicais salafitas, já confirmada nas eleições recentemente realizadas. A ideologia, o modo de organização e recrutamento e a sua influência, são um fator de elevado risco para um processo genuíno de democratização da sociedade e implantação de um regime democrático estável.

Cabe às Forças Armadas Egípcias organizar a transição para um regime que permita as eleições parlamentares (já realizadas) e presidenciais, mas também a liberdade individual e de participação dos diferentes partidos de forma organizada e livre. Por outro lado, parece claro que os militares procuram criar um sistema que garanta o funcionamento das instituições democráticas, mas que também preserve o seu poder e que evite que qualquer grupo ou partido político os possam vir a colocar em causa (Taylor & Martin, 2011, p. 129). Os EUA têm agora especial responsabilidade, em termos de apoiar de forma decisiva esta fase de transição, ainda que não o possam fazer «declaradamente», o que poderia ter efeitos contraproducentes, numa sociedade com muitos estigmas antiocidentais.



No mesmo sentido considera (Botelho, 2011a, p. 126) que o Egito será o verdadeiro teste à doutrina de B. Obama para a promoção da democracia no mundo árabe.

Para Brzezinski, (2011, p. 7) o processo político pós-Mubarak poderá ser importante para a democracia «(...) à condition que son départ s'accompagne d'un processus politique susceptible de déboucher sur une démocratie qui fonctionne». No entanto, considera que poderá haver duas outras situações: uma ditadura militar « (...) avec un régime à la Pinochet, ou alors le fanatisme religieux avec un regime à l'iranienne». Por outro lado, torna-se necessário perceber que a população egípcia em geral apresenta opiniões bastante desfavoráveis em relação aos EUA e a Israel. A tabela 5 reflete esta situação.

Tabela 5: Fatores de obstáculo à paz e estabilidade no MO

| Pensa que os seguintes fatores representam um grave obstáculo à paz e estabilidade no MO? (Resposta afirmativa em valores percentuais) | EGITO |
|---|-------|
| Ocupação da Palestina | 65 |
| Interferência dos EUA no mundo árabe | 65 |
| Falta de democracia nos países árabes | 53 |
| Desigualdade económica | 46 |
| Interferência iraniana | 29 |

Fonte: Adaptado de (Arab Attitudes, 2011, (AAIF), cit. em Limes, 2011, p.10)

Das diferentes análises decorrentes da investigação, concluímos que o Egito apresenta características particulares, o que nos leva a considerá-lo nesta fase um ator charneira para o grande desafio da implantação da democracia e da garantia da paz e estabilidade na região. A relevância do Egito, como ator central na geoestratégia do GMO fica retratada na Figura 4 abaixo, e nas respetivas interdependências aí geradas com os estados vizinhos. Pode observar-se também a influência do espaço sunita, onde o Egito se enquadra, e a respetiva ligação à Arábia Saudita e ao Paquistão.

Fonte: Limes (Canali, 2011)

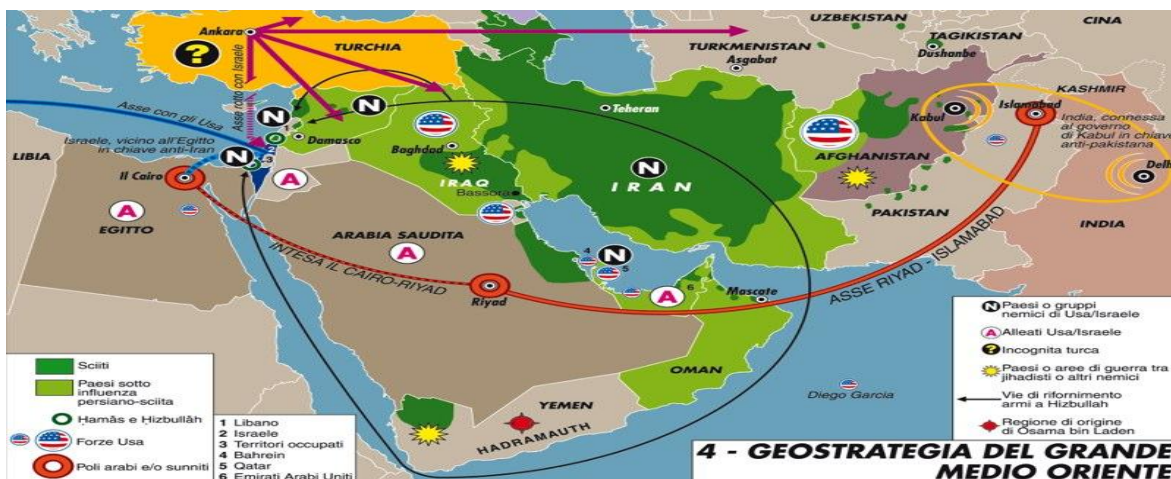


Figura 4 - Geoestratégia do GMO (O Egito)



Assim, na Tabela 6 pretende-se enquadrar um conjunto de pressupostos definidores da importância do Egito em todo o processo da «Primavera Árabe», e da complexidade que o mesmo representa no contexto geoestratégico de toda a região, «*If Egypt succeeds, even the countries that they didn't experience a revolution will be influenced to change peacefully. Likewise, if Egypt falters in its transformation, everything in the region will revert to what it was and even worse (...)*» (Nafi, 2011, p. 1). Foram levantados os *fatores potenciadores* julgados decisivos para considerar o Egito um ator charneira no GMO. De igual forma foram descritos, os diversos *dilemas* que terá de enfrentar e resolver, face a esses fatores potenciadores e os *desafios* que deverá vencer para permitir promover e garantir a existência de um sistema governativo democrático e com influência na paz e estabilidade da região. Os *índices de democracia, liberdade e de conflitos* consolidam e integram o respetivo quadro de análise.

Tabela 6 - O Egito país charneira do GMO

| Fatores potenciadores | Dilemas | Desafios | Índice democrático | Conflitos Índice de conflito |
|---|---|---|-------------------------------|--|
| Posicionamento geográfico (Mediterrâneo, Canal do Suez, Israel, África, Ásia) | Papel primário: Mediação do conflito Israelo-Palestiniano; Influência regional sobre os 4 pilares do GMO (Turquia, Arábia Saudita, Irão e Israel) | Manutenção do acordo de paz com Israel; Influência direta no Hamas e na Fatah; Capacidade de influência | (3.95) HR (6) NF | IDC (3) Israel 1948/49 Revolução 1952 Guerra do Suez 1956 Guerra dos seis dias 1967 Guerra da atribção 1968/70 Yom Kippur 1973 Líbia fronteira 1977 Guerra do Golfo 1990/1 Questão Sudanesa (Águas do Nilo) Primavera Árabe 2011 |
| Cultura, História e Religião Milenares | Possibilidade de se apresentar com o estatuto regional de país democrático | Limitar a influência dos religiosos radicais Garantir uma cultura de princípios democráticos no país | | |
| Vontade de mudança (Praça Tharir) Primavera Árabe | Equilíbrio político interno | Implantação de um sistema democrático | | |
| País Árabe mais populoso | Desenvolvimento económico e estrutural | A paz e estabilidade interna para criar sinergias económicas e o crescimento | | |
| Força militar disponível | Influência regional; Intervenção direta na política interna | A inserção das Forças Armadas na transição para a democracia | | |
| Ator central do espaço geoestratégico do GMO | Continuação do pilar dos EUA na arquitetura de segurança da região | Abertura ao espaço de arquitetura e segurança regional | | |
| Democracia e Estabilidade | | | | |

Fonte: autor; Índice democrático adaptado de (The Economist, 2011) e (FH, 2012) e Índice de conflitos (IDC) adaptado de (HIIICR, 2011).



h. Síntese conclusiva

Neste capítulo concluímos que a visão da democracia e do Islão pode ter uma amplitude alargada (perceções e conceitos diferenciados). As tradições culturais, o pensamento religioso (Islão) e a separação entre estado e religião, condicionam a implantação da democracia (O espaço da democracia e o Islão).

Do ponto de vista teórico-dogmático, e mesmo no conceito de aplicabilidade e de sustentação, não existe incompatibilidade formal entre o Islão e a democracia, concluindo-se que é possível a existência de um sistema democrático nos países árabes, contudo com um caminho difícil a percorrer.

De acordo com a definição inicial e os indicadores de democracia e liberdade analisados, concluiu-se que o espaço político do GMO é o de uma região de índices muito baixos de democracia (Indicadores de democracia e liberdade).

Foram inferidos como (fatores condicionadores ao caminho da democracia) um conjunto de pressupostos ao nível religioso, económico e de organização social e como (obstáculos políticos diretos à democracia): os regimes autocráticos, os regimes e partidos islamitas radicais e o terrorismo.

Verificámos também que está criado um espaço único, em que os movimentos da «Primavera Árabe» e os novos regimes, com a ajuda do mundo ocidental, podem protagonizar pela primeira vez, condições para a instauração de sistemas democráticos, ultrapassada a fase do eventual «caos» no período de transição e garantindo a médio prazo a sustentação dos valores da democracia e da liberdade. Verificámos que os estados democráticos pelas suas características potenciam de uma forma geral a resolução de conflitos e que a estabilidade e paz na região passam pela assunção destes valores (Paz e estabilidade). A relação entre a ausência de democracia e as situações de conflito e instabilidade duradouras, inferem-se da análise dos diferentes quadros apresentados (Indicadores de conflitos).

Na investigação desenvolvemos o cenário em que o Egito constitui um elemento decisivo e fator charneira para a região ao nível da instauração da democracia e da liberdade, ou se optar por outro rumo (islamismo radical), será um elemento perturbador da região, afetando desta maneira a estabilidade e a paz pretendida. Consideramos assim respondida a QD 3, validade que foi a Hip 3.



4. Conflito Israelo-Palestiniano

a. Um conflito em duas narrativas

Qualquer que seja a perspetiva ou o ângulo de análise subjacente a esta temática, tornou-se obrigatório para a investigação do trabalho, percorrer os caminhos do que poderemos designar, pelas narrativas destes dois povos²⁷: a narrativa do percurso do povo judeu e a narrativa do povo palestiniano, inserida esta, numa narrativa mais geral dos povos árabes (desenvolvimento destas duas narrativas nos Apêndices III e IV).

O estigma dos estados muçulmanos em geral e dos atores da região do GMO em particular, sobre o conflito entre Israel e os palestinianos, é um fator permanente de instabilidade e de conflito em toda a região. Este estigma é também um obstáculo à sua democratização e que é sumariado por (Buss, 2005, p. 11) referindo que, «*Perhaps the most significant barrier to democracy's future is the Israel-Palestine conflict*» e que este conflito é pelas suas características, um impedimento a amplas reformas e à segurança regional.

b. A centralidade do conflito

Desde a criação do Estado de Israel em 1948, que o conflito israelo-palestiniano se tornou num constante desafio para a CI, para as OI, em especial a ONU, para os países muçulmanos, para a Europa e naturalmente para os EUA. Este conflito afeta a segurança, liberdade e desenvolvimento de Israel, bem como o povo palestiniano, privado de um estado e vivendo em condições de extrema dificuldade.

Na verdade, esta situação assume uma centralidade, que não é comparável a qualquer outro acontecimento político na cena internacional. Esta realidade pode ser confirmada do ponto de vista árabe, na Tabela 7 abaixo, onde a «ocupação» da Palestina é para a maioria dos países analisados, o principal obstáculo à paz e estabilidade no MO.

Tabela 7 - Obstáculo à paz e estabilidade no MO

| Qual entre as seguintes, é o maior obstáculo à paz e estabilidade no MO? | (valores em percentagem) | | | |
|--|--------------------------|-------|----------|------------|
| | Marrocos | Egito | Jordânia | A. Saudita |
| Ocupação da Palestina | 36 | 37 | 49 | 26 |
| Interferência EUA no mundo árabe | 31 | 31 | 37 | 26 |
| Falta de democracia nos países árabes | 23 | 19 | 3 | 20 |
| Desigualdade económica | 9 | 7 | 4 | 2 |
| Interferência iraniana | 2 | 7 | 10 | 26 |

Fonte: Adaptado de (Arab Attitudes, 2011, (AAIF), cit. em Limes, 2011)

²⁷ Expressão usada por (Ross, 2004).



As negociações para um acordo de paz entre as partes, realizadas sob os auspícios do presidente B. Clinton em (1998-2000) (Ross, 2004), - aquele que mais diretamente se empenhou na resolução deste conflito -, estiverem perto de serem concluídas e assinadas, naquele que seria o passo mais significativo e histórico para a paz e estabilidade no MO.

George W. Bush, o primeiro presidente americano a falar num Estado Palestino (The White House, 2002), viu os acontecimentos do 11 de setembro e do Iraque, a não permitirem qualquer desenvolvimento importante na resolução deste conflito.

Do estudo da evolução das políticas negociais, agora em curso sob a responsabilidade do Quarteto (Rússia, EUA, ONU e UE) e da perceção do que as estratégias políticas deixam antever, em função dos documentos analisados e das entrevistas realizadas, permitem-nos formular algumas ideias, tendo presente o objetivo central da investigação²⁸:

A expectativa de Israel (A perceção israelita da ameaça):

- Apreensão face à instrumentalização dos movimentos populares da «Primavera Árabe», pelos islamitas e grupos radicais anti-israelitas;
- Apreensão com as possíveis alterações das relações com o Egito, nomeadamente com a revisão do Tratado de Paz;
- Preocupação com a zona da península do Sinai e a circulação dos grupos infiltrados (Hamas e Hezbollah e al.) (Mucznik, 2011, pp. 104-105);
- Apreensão com os desenvolvimentos na Síria, e as suas consequências no Líbano e na região;
- O aumento da influência das potências regionais (Turquia, Irão, Arábia Saudita, Paquistão), e a diminuição da influência direta dos EUA e da UE na região;
- O paradigma do não reconhecimento «in facto» do Estado de Israel pelos estados árabes;
- A problemática da situação «two states for two people» (Kuperwasser & Lipner, 2011, pp. 2-9);
- A ameaça nuclear do Irão.

A expectativa palestina :

- Geração de um movimento alargado de apoios à causa palestina, decorrente das atuais revoltas da «Primavera Árabe»;

²⁸ Como exemplo da centralidade deste conflito, ver as declarações e conceitos de (Javier Solana, Angela Merkel, e Catherine Ashton cit. por Miller, 2011, pp. 8-9) sobre a importância deste conflito na própria estabilidade regional da Europa.



- Tirar partido do agravamento das relações entre a Turquia e Israel;
- Apostar numa deterioração das relações entre o Egito (a viver um processo de transição) e Israel;
- Necessidade de afirmação e reconhecimento da Autoridade Palestiniana (AP) na CI (pedido de reconhecimento unilateral do «Estado Palestino» na ONU);
- Procura de unidade política entre o Hamas e a Fatah.

Constatamos pelos estudos realizados ao longo do tempo, em especial pela análise dos valores contidos no Anexo A (Tabela L - guerra, conflitos e crises), e em alguns quadros, tabelas e gráficos apresentados neste TII, que o conflito entre Israel e os estados árabes e muçulmanos vizinhos determinam um fator de centralidade dominante, que condiciona e interfere com a paz e a estabilidade em toda a região.

c. A dinâmica das emoções e do medo nos conflitos (prospetivas)

A Figura 5 (Cartografia «jogo» das interações centrais) abaixo representada dá-nos o resultado visual do estudo relativo ao tema «*Reconnaissance de L'État de Palestine: prospective et étoffe des réalités*» efetuado pela «Globe Expert» (sistema de inteligência artificial quantificada) e utilizado pelo Global, Mutations, Analysis and Perspectives (GMAP) (Fert, 2011, pp. 37-41).

Através de um modelo matemático, composto de diversas variáveis e de uma grelha de contingências e constantes é executado um programa designado de «*Dynamics of Emotions and Fear in Conflicts*». Neste sistema de análise dos conflitos é dada relevância ao fator «**emoções e medos**». As emoções e os medos são um fator «*incontornável do terreno, tanto para israelitas, como para palestinianos*» (ibidem).

Na grelha de análise são considerados para o estudo pretendido, variáveis do campo da política, da economia, da parte social e do SI. Para além destes, foram considerados dois elementos físicos «*a água e a terra*», e dois elementos culturais «*a fé religiosa e Jerusalém*».

Para a situação mais específica, do reconhecimento do Estado Palestino em ato isolado na ONU, podemos constatar que os resultados são complexos, mostrando o estudo em causa «*(...) une conjoncture qui a fondamentalement peu évolué en soixant-quatre ans, avec des indicateurs de blocage en matière de droit international, où la clé est emotionnelle et se situe du côté israélien*» (Fert, 2011, pp. 37 - 41).

A cartografia das interações, no modelo apresentado destaca a questão da «**terra**», como elemento fulcral na disputa. Para o modelo adaptado às contingências do futuro, é

realçado o papel do «*Irão e do nuclear*», em todo o desenvolvimento deste conflito e os fatores das «*emoções e da disputa da água (conflito hídrico)*», quaisquer que sejam as complexidades do SI e as conjunturas geopolíticas envolvidas. Os outros pontos determinantes são a questão de «*Jerusalém e dos refugiados*».

Fonte: (Fert, 2011)

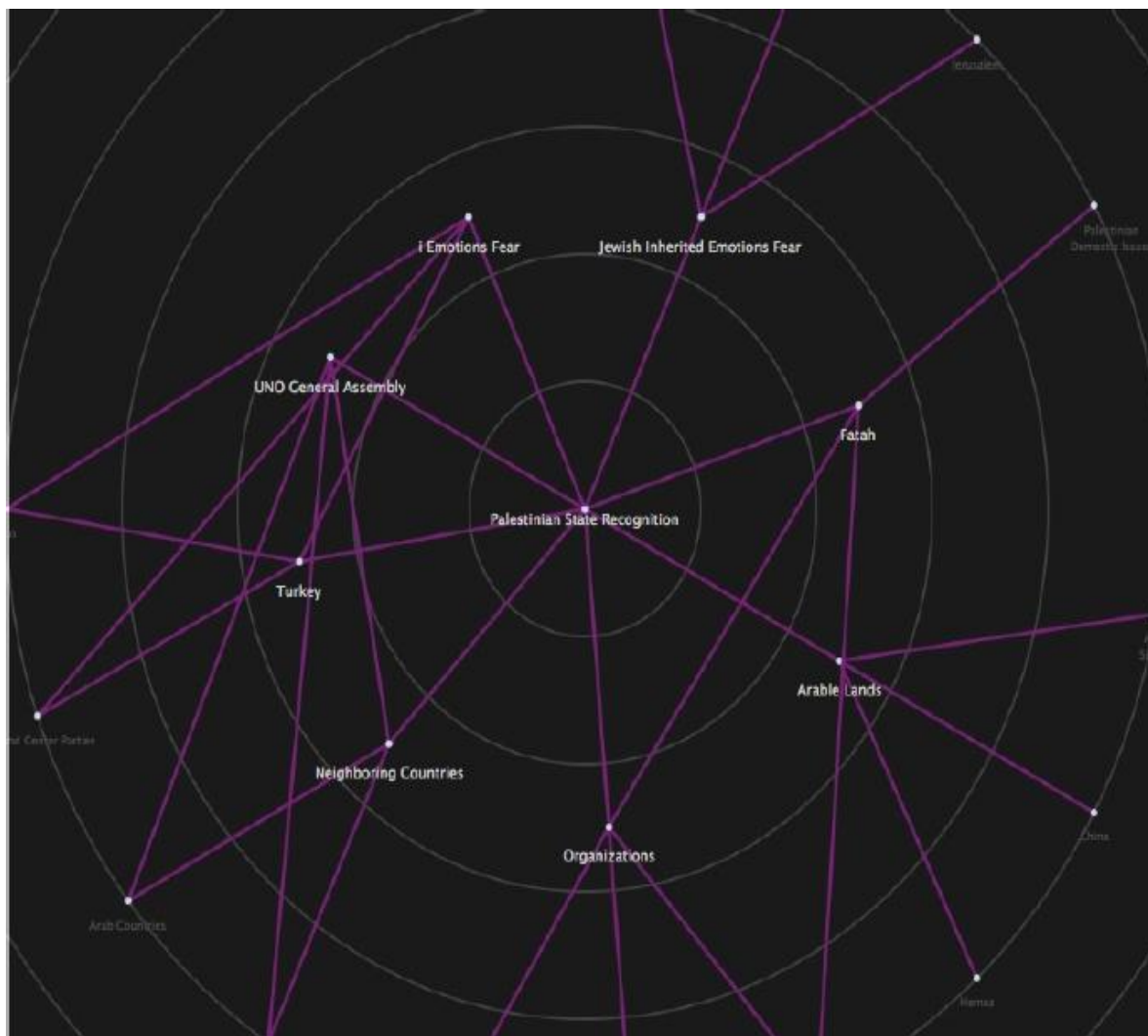


Figura 5 - Jogo das interações centrais

Os pressupostos em análise nesta teoria complexa, de que sobressaem os vetores «emoções e o medo», poderá permitir pensar, que só com a adequação dos valores subjacentes à democracia e liberdade e a sua possível aceitação nos territórios palestinianos, permitiriam estabelecer elementos de atenuação às componentes de agressão e ódio entre as partes, que atualmente impossibilitam qualquer avanço na resolução deste longo conflito.

A Figura 6 permite visualizar o sentimento de «cerco» a Israel em termos geopolíticos, o qual se correlaciona com o fator da dinâmica das emoções e do medo, na problemática da resolução possível do conflito.

Fonte: Revista Limes ((Canali, 2011)

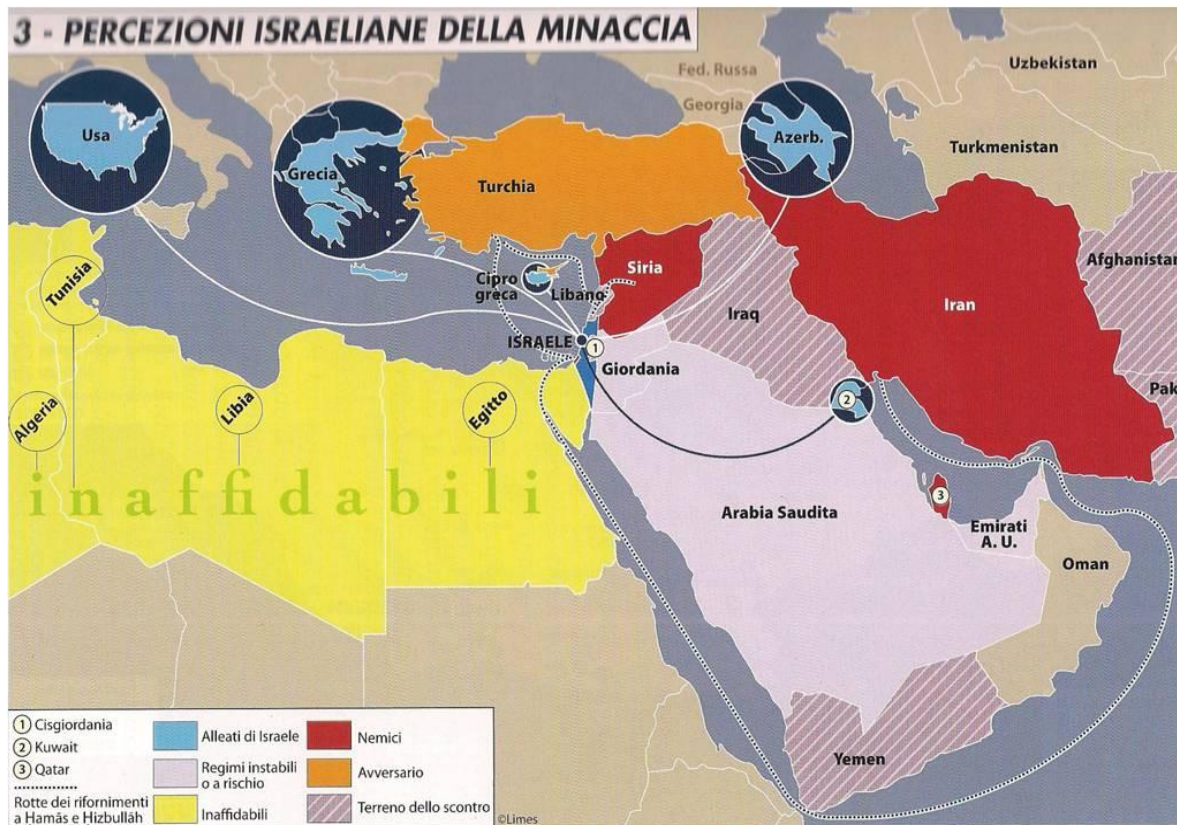


Figura 6 - Percepção israelita da ameaça

Desta forma, podemos concluir como fatores determinantes em face da investigação realizada, nomeadamente das entrevistas efetuadas, os seguintes elementos:

Fatores prospetivos:

- A democracia e os direitos de garantia de liberdade e de paz são fatores potenciadores da confiança mútua necessária, que poderão permitir ultrapassar os condicionalismos e os obstáculos políticos permanentes existentes neste conflito;
- A existência dos fatores «emoções e medo», conjugados com uma constante percepção das ameaças envolventes contribuem para a perpetuação deste conflito;
- O forte sentimento anti-israelita e americano ainda existente na população árabe que dificulta o processo de entendimento;
- O processo de democratização do Egito (a concretizar-se), país estratégico, no desenlace do conflito israelo-palestiniano, poderá influenciar decisivamente a AP, o Hamas e Israel no restabelecimento de uma agenda de paz, fundamental para um acordo na região;
- O conflito com o Irão nuclear tenderá num futuro próximo agravar a instabilidade na região;



- A criação de um estado palestino não parece possível sem um verdadeiro e eficaz acordo de paz, e dificilmente serão negociados acordos de paz com regimes ou organizações que não assumam os valores fundamentais da democracia.

d. Índice para a democracia, paz e estabilidade (DPE)

Para consubstanciar os elementos e indicadores da investigação, tentou-se colocar alguns dados, sob uma fórmula que facilitasse tão rapidamente quanto possível, a apreensão da «aptidão» dos países do GMO para a democracia, paz e (contributo regional para a) estabilidade, baseada na centralidade do conflito israelo-palestino.

Para esta fórmula utilizámos alguns dos dados compilados na tabela global em Anexo A, tratando-se somente os países com uma população superior a 5 milhões de habitantes, assumindo-se como premissa que só a partir deste nível populacional o país terá massa específica político-social para contribuir para os referidos princípios.

A fórmula que foi decidida utilizar contempla: (i) A média dos valores de democracia dos dois anos mais recentes atribuídos pelo (The Economist, 2010) e (The Economist, 2011), o que face aos acontecimentos mais recentes da região poderá ser um retrato mais real da democracia existente nos países referidos; (ii) A média adaptada dos valores de conflitualidade atribuídos pelo HIICR - índice de conflitos (média dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010) (HIICR, 2011) por se julgar demonstrativo de uma cultura subjacente difundida entre a maioria dos estados; (iii) A população, por se entender que a sua quantidade é um fator de grande importância na vertente aqui analisada; (iv) A distância estimada ao centro daquilo que é o maior foco de tensão da região - Israel (conflito israelo-palestino).

Contudo, julga-se que a fórmula e o modelo utilizado poderão ser desenvolvidos no futuro, pela introdução de outros dados, nomeadamente apontando-se desde já, alguns que parecem ser relevantes, nomeadamente os valores relacionados com a educação, (analfabetismo, universidade, cursos laicos, etc.), com a tolerância social (taxa das diferentes religiões, situação da mulher na sociedade, etc.), orçamento do estado (valores atribuídos à polícia, serviços de informação, militar, ensino) e com a situação económica (distribuição da riqueza, índice de corrupção, etc.).

Considerou-se que os valores obtidos pela aplicação da fórmula e resumidos na Tabela 8 (Tabela completa no Anexo B) consubstanciam o entendimento que ao longo do trabalho se foi tendo da problemática em análise, nomeadamente pela importância neste conflito de países como o Egito, Jordânia e a Turquia, e da sua contribuição para a



democracia.

Tabela 8: Valores obtidos para o índice democracia, paz e estabilidade (DPE)

| GMO | DPE |
|----------------|--------|
| Marrocos | 17.39 |
| Argélia | 13.82 |
| Líbia | 5.17 |
| Egito | 240.08 |
| Síria | 80.68 |
| Jordânia | 248.30 |
| Israel | - |
| Turquia | 100.81 |
| Arábia Saudita | 10.48 |
| Iémen | 7.96 |
| Irão | 21.81 |
| Iraque | 36.56 |
| Afeganistão | 4.62 |
| Tunísia | 17.69 |

Fonte: autor

e. Síntese conclusiva

Verificámos que este conflito é absolutamente central, numa perspetiva da paz e estabilidade para a região (a centralidade do conflito), porque tem na sua génese um efeito de estigma enraizado no pensamento e nas estratégias dos países muçulmanos, e porque serve também de autojustificação para impor e condicionar estratégias na região.

Conclui-se que a existência dos fatores «emoções e medo», conjugados com uma constante perceção das ameaças envolventes, contribuem para a perpetuação do mesmo (a dinâmica das emoções e do medo nos conflitos).

A não existência de um acordo de paz influencia diretamente a estabilidade na região. A resolução deste conflito poderá passar pela existência efetiva de um estado palestino, que permita garantir o exercício de um governo democrático e livre, reconhecendo «*de facto*» e sem reservas o estado de Israel e pratique em simultâneo os princípios de boa convivência entre estados, situação que não se afigura realizável a curto prazo (fatores prospetivos). A formulação proposta de um conjunto de dados selecionados e de indicadores, permitiu inferir um índice demonstrativo da «aptidão» dos países do GMO, para os princípios da democracia, paz e estabilidade, baseado no pressuposto base da centralidade do conflito israelo-palestino (índice para a democracia, paz e estabilidade (DPE)).

Validámos neste capítulo a Hip 4, e consideramos ter respondido à QD 4.



Conclusões

O tema desenvolvido ao longo do TII, «*O Grande Médio Oriente: o papel da democracia na persecução da paz e estabilidade*» permitiu revisitar a «iniciativa» e o conceito do GMO, e estabelecer a relação entre a implantação de regimes democráticos nos países da região e a paz e estabilidade. Na estruturação do trabalho considerou-se a QC «*Em que medida a implantação de regimes democráticos decorrente do conceito do GMO, constitui um fator determinante na procura da paz e estabilidade na região?*» e as subsequentes QD relacionadas com a importância da democracia no conceito do GMO, as alterações políticas da «Primavera Árabe» e a possibilidade ou não, da implantação de sistemas democráticos nos países árabes, e da sua contribuição para a paz e estabilidade na região. Deu-se relevo ao Egito, pela sua importância estratégica, e ao conflito israelo-palestiniano, pela sua centralidade decisiva no contexto da paz e estabilidade regionais.

As grandes linhas de procedimento que foram seguidas no Trabalho, permitiram um desenvolvimento metodológico efetuado em três etapas e extrair as seguintes ideias conclusivas principais:

- (i) Na primeira etapa (Cap. 1) foi feita uma abordagem analítica e concetual aos princípios da democracia subjacentes ao GMO, a fim de responder à QD1 e que confirmou a Hip 1, concluindo-se que a democracia assumiu uma importância decisiva na formulação do conceito do GMO, e que os seus princípios orientadores são válidos na atualidade. Foi apresentado o enunciado da «iniciativa», o seu conceito, a descrição da sua origem, o enquadramento, espaço geográfico e a relevância geoestratégica na altura. A visão da democracia e da liberdade no conceito do GMO materializaram-se no espaço político de intervenção criado contra o extremismo islâmico e o terrorismo, procurando promover a democracia e a liberdade, como contributos decisivos para a paz e estabilidade na região. Os diversos entraves, em especial no Iraque, que foram sendo colocados aos EUA e aliados, impediram a concretização da política e dos princípios estratégicos estabelecidos para o GMO, nomeadamente a expansão e aceitação da democracia na região;
- (ii) Na segunda etapa (Cap. 2) deu-se início ao estudo de análise comparativa com vista a inferir a génese caraterizadora e enquadrante da chamada «Primavera Árabe», respondendo à QD 2, e que confirmou a Hip 2, concluindo que as revoluções da «Primavera Árabe» apresentaram na sua



génese referenciais subjacentes aos valores da democracia e liberdade durante este período. Os movimentos de protesto, revoltas e revoluções (que percorreram todo o espaço geográfico que constitui o GMO, em especial nos países árabes), conseguiram uma adesão de parte significativa da população, com recurso a uma linguagem da democracia e da liberdade e tiveram como alvos prioritários os regimes corruptos e autoritários da região, embora mantendo o Islão como referência. Foram analisados os indicadores existentes, e que apontavam para a necessidade de maior liberdade, justiça social e democracia dos regimes em causa;

- (iii) Na terceira etapa (Cap. 3 e 4) foram analisados os indicadores de referência e inferidos espaços de análise comparativa, que permitiram obter um desenvolvimento relacional entre os conceitos de democracia e de paz e estabilidade na região, particularizando o caso do «Egito» e a centralidade do conflito israelo-palestiniano, para responder à QD 3 e QD 4. Confirmou-se a Hip 3, concluindo-se que é possível a existência de sistemas democráticos nestas regiões em estudo, embora com um caminho difícil a percorrer a médio prazo, e que da sua prática e ação sustentada haverá um reforço da paz e estabilidade regionais. Contudo, caso perdurem os valores da autocracia e do islamismo radical religioso e a não separação entre o Estado e a religião, estes equilíbrios estarão em causa. Foram levantadas «as interdependências e as estratégias adotadas», que permitiu formular possíveis ações prospetivas e pressupostos decorrentes da investigação realizada. O modelo de análise que foi considerado para inferir elementos, contribuiu para evidenciar os vetores de interligação entre a implantação e a consolidação do sistema democrático e a questão da segurança, da paz e estabilidade. Foi concluído que existe uma janela de oportunidade, na qual os movimentos da «Primavera Árabe» podem protagonizar, pela primeira vez em alguns países, condições para a instauração de sistemas democráticos, ultrapassada a fase do eventual «caos» no período de transição, e garantindo a médio prazo a sustentação dos valores da democracia e da liberdade. Foi também concluído que a estabilidade e a paz na região passam pela assunção dos valores da democracia e da liberdade. A relação entre a ausência de democracia e as situações de conflito e instabilidade duradouras são perceptíveis da análise dos diferentes quadros



apresentados (Indicadores de conflitos). Na investigação analisámos o cenário em que o Egito, pelas suas características, se assume como um elemento decisivo e fator charneira para a região, ao nível da instauração da democracia e da liberdade. Caso este opte por outro rumo (islamismo radical), será um foco perturbador da região, afetando desta maneira a estabilidade e a paz regional pretendida.

Validámos a Hip 4, respondendo à QD 4, concluindo que o conflito (israelo-palestiniano) é um forte perturbador do equilíbrio geoestratégico em toda a região e que impede o estabelecimento de uma paz estável no GMO.

Os contributos para o conhecimento resultantes da investigação realizada são os seguintes:

- (i) A análise e a compreensão de um modelo de elevada complexidade geoestratégica (iniciativa do GMO, formulada pelo presidente dos EUA George W. Bush), e decorrente de um acontecimento impar da História Mundial, o 11 de setembro de 2001. Foram percecionados os condicionalismos e limitações da sua interação no SI, que não permitiram o sucesso desta iniciativa. No entanto, a relevância dos princípios da democracia como fatores de aplicabilidade e aceitabilidade no espaço geográfico do GMO, continuam a ser elementos estruturantes para quaisquer desenvolvimentos de estratégia integrada para esta região;
- (ii) Os múltiplos elementos comparativos, que na sua agregação, permitem obter uma visão alargada da atual realidade, em que os fatores políticos de base daí decorrentes e perceptíveis ao nível do «espaço democrático», resultante da «Primavera Árabe», podem funcionar como elementos enquadrantes e inovadores para o pensamento geopolítico da região. Dos elementos observáveis, pode-se inferir que a democracia e o sistema democrático de governabilidade são possíveis nestas sociedades, embora com um caminho longo e difícil a percorrer. Constatou-se contudo, que existiram em todas as revoltas, indicadores reais da necessidade de maior liberdade e democracia, traduzidos nas alterações realizadas na estrutura política existente (sistemas eleitorais e constitucionais) dos países em causa.
- (iii) A conjugação sistematizada de indicadores de democracia na região, considerados em períodos chave do desenvolvimento político, (iniciativa do



GMO, antes, durante e após a «Primavera Árabe»), associados aos principais conflitos e guerras nas últimas seis décadas (Anexo A), permitiu-nos inferir que ao nível do GMO em geral, e também ao nível dos estados envolvidos, a ausência de democracia está associada aos conflitos e à instabilidade. Em «*contrario sensu*», a implantação de sistemas democráticos está diretamente ligada à questão da segurança, da paz e da estabilidade;

- (iv) O enquadramento dos pressupostos definidores dos fatores potenciadores, dilemas e desafios, que o Egito poderá protagonizar no atual contexto geoestratégico;
- (v) A narrativa da centralidade do conflito israelo-palestiniano, baseada na perceção das ameaças e nas dinâmicas do conflito, como consequência da «ausência de espaços de democracia e liberdade» na região onde «o medo e as emoções» dominam. A continuidade deste conflito pela sua natureza, condiciona e limita o alargamento do «espaço de democracia, da paz e estabilidade», em toda a área do GMO.

Como contributos de ordem prática e recomendações, destacamos:

- (i) A construção sistematizada dos fatores agregadores dos múltiplos elementos adaptados (tabelas, quadros, gráficos, estudos técnicos, relatórios e indicadores de análise), direcionados para a vertente analítica do tema investigado, possibilitadores da compreensão das estratégias e das políticas desenvolvidas, bem como a indicação de ações prospetivas, que poderão contribuir para posteriores estudos;
- (ii) O quadro geral em Anexo A, que permite conjugar o espetro alargado dos indicadores de democracia, liberdade e governabilidade, os quais associados ao fator «conflitos», permitem recolher dados para entender as realidades complexas e difusas da política mais geral no GMO;
- (iii) Também a formulação inicial de um índice (DPE) demonstrativo da «aptidão» dos países do GMO para os princípios da democracia, paz e estabilidade, baseado no pressuposto base da centralidade do conflito israelo-palestiniano, que consubstancia o entendimento que ao longo do trabalho se foi tendo da problemática em análise. Este «índice» poderá ser complementado e desenvolvido no futuro, pela introdução de outros elementos e indicadores de referência.



Concluimos que o objetivo geral da presente investigação e os seus objetivos específicos, foram concretizados nas respetivas QD, validadas que foram as Hip apresentadas e como **resposta à QC** concluimos que: *a paz e a estabilidade para a região do GMO, dependem fundamentalmente da implantação de regimes políticos, que apliquem na sua prática e ação governativa, de forma sustentada, a democracia e a liberdade (valores já contidos no conceito do GMO). Os movimentos de protesto da «Primavera Árabe» permitiram desencadear um importante processo político, que na sua génese apresentava valores de liberdade e democracia. O conflito israelo-palestiniano permanece um forte obstáculo à paz e estabilidade em toda a região do GMO, pelo estigma que representa nos países muçulmanos e em especial nos árabes, e no qual o Egito pode desempenhar um papel crucial quer neste processo, quer como fator charneira para a paz e estabilidade em toda a região.*



Referências Bibliográficas

- Al-bab.com, 2004. *Greater Middle East Partnership*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.al-bab.com/arab/docs/international7gmep2004.html>
[Acedido em 26 setembro 2011].
- Almeida, J. M. & Rato, V., 2004. *A encruzilhada - Portugal, a Europa e os Estados Unidos*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Arab American Institute Foundation, 2011. *Arab Attitudes 2011*. [Em linha]
Disponível na Internet em: http://aai.3cdn.net/5d268344e3b3b7ef19_xfw6ba4r9.pdf
[Acedido em 14 dezembro 2011].
- Arab Human Development Report 2002, 2003. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.arab-hdr.org/publications/other/ahdr/ahdr2002e.pdf>
[Acedido em 17 dezembro 2011].
- Arab Summit, 2004. *Tunis Declaration of 16th Summit*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.saudiembassy.net/archive/200/statements/page13.aspx>
[Acedido em 14 outubro 2011].
- Barany, Z., 2011. The Role of Military. *Journal of Democracy*, outubro, pp. 24-36.
- Barnavi, E., 2002. *Storia D'Israel*. 6.^a ed. Milano: Tascabili-Bompiani.
- Bar, S., 2011. *The Revolution in the Middle East: The Arab Awakening*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://israelcfr.com/documents/5-2/5-2-3-shmuelbar.pdf>
[Acedido em 11 outubro 2011].
- Bhalla, R., 2011. *Riots in Cairo - STRATFOR*. [Em linha]
Disponível na Internet em: http://www.stratfor.com/week/20111011-geopolitical-journey-riots-cairo?utm_source [Acedido em 12 outubro 2011].
- Bilgin, P., 2004. Whose "Middle East"? Geopolitical Inventions and Practices of Security. *International Relations*, pp. 25-41.
- Boio, D., 2003. *A Geopolítica da Administração de George W. Bush: O derrube do Regime Iraquiano em 2003*. [Em linha]
Disponível na Internet em: [http://www.ciari.org/investigação/geopolítica adm w. bush.pdf](http://www.ciari.org/investigação/geopolítica%20adm%20w.%20bush.pdf)
[Acedido em 3 outubro 2011].
- Botelho, T., 2011a. Os Estados Unidos e a Primavera Árabe. *Relações Internacionais*, junho, pp. 117-127.
- Botelho, T., 2011b. Professora Doutora, Universidade Nova. *Entrevista GMO. Entrevistada por Caetano de Sousa*. Lisboa [Entrevista] (22 outubro 2011).
- Brumberg, D., 2005. *Democratization versus liberalization in the arab world*:



dilemmas and challenges for US foreign policy. [Em linha]

Disponível na Internet em: <http://www.strategicstudies.army.mil/pdf/files/pub620.pdf>

[Acedido em 29 setembro 2001].

- Brzezinski, Z., 2011. Nous sommes dans un monde très asymétrique. *Le Monde - Bilan Géoestrategie*, pp. 7-9.

- Bukay, D., 2007. *Can there be an Islamic Democracy.* [Em linha]

Disponível na Internet em: <http://www.meforum.org/1680/can-be-an-islamic-democracy>

[Acedido em 07 outubro 2011].

- Buss, C. J. C., 2005. *Democratization as United States Strategy for Middle East.* [Em linha] Disponível na Internet em:

<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdf/files/ksil219.pdf>

[Acedido em 14 outubro 2011].

- Canali, L., 2011. *Limes rivista italiana di geopolitica n° 4/5/2011.* [Em linha]

Disponível na Internet em: <http://temi.repubblica.it/limes/israele-pi-solo-pi-forte-le-carte-a-colori-del-volume/28796> [Acedido em 24 novembro 2011].

- Candland, C., 2005. *The US Greater Middle East Initiative.* [Em linha]

Disponível na Internet em: <http://www.welleslev.edu/polisci/candland/usgmei.pdf>

- Carey, J. M. & , Reynolds, A., 2011. The impact of election system. *Journal of Democracy*, outubro, pp. 36-47.

- Catherwood, C., 2011. *A brief History of the Middle East.* 2nd ed. s.l.:Robinson & Running Press.

- Clancy, T., 2004. *Battle ready.* London: Pan Books.

- Codovini, G., 2004. *Storia del conflitto arabo israeliano palestinese - tra dialoghi di pace e monologhi di guerra.* Milano: Bruno Mondadori.

- Coelho, A. P., 2005. *Grande Médio Oriente.* [Em linha]

Disponível na Internet em: http://www.janusonlin.ot/conjuntura/conj_2005_1_1_10_b.html.

[Acedido em 29 setembro 2011].

- Costa, J. N., 2011. *Diretor de Serviços do Médio Oriente e Magrebe (MNE). Entrevista GMO. Entrevistado por Caetano de Sousa.* Lisboa [Entrevista] (31 outubro 2011).

- d'Arcais, F., 2004. *Il sovrano e il dissidente - La democrazia presa sul serio.* Milano: Garzanti.

- Debat, A., 2005. Ritorno alla realtà: L'Iran visto da Washington. *LIMES*, pp. 170-171.

- Democracy Digest, 2011. *Democracia Digest «Al Jazeera» guerra ideológica reflete as tensões da Primavera árabe.* [Em linha]



Disponível na Internet em: http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-pt&langpair=en%7cpt&rur [Acedido em 09 outubro 2011].

- Diamond, L., 2010. *Why are there no arab democracies?* [Em linha] Disponível na Internet em: http://muse.jhu.edu/journals/journal_of_democracy/v021/21.1.diamond.html [Acedido em 3 outubro 2011].
- Diplomatie, 2011. Atlas 2010 géostratégique. *Diplomatie*, dezembro/janeiro, pp. 54-55.
- Eco, U., 1998. *Como se faz uma tese*. 7.^a ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Elgindy, K., 2011. Palestine Goes to the UN. *Foreign Affairs*, 16 setembro/outubro, pp. 102-113.
- Fert, V., 2011. Palestine: éléments de prospective. *Diplomatie*, novembro/dezembro, pp. 37-41.
- Fiori, J. L., 2011. *A Líbia, a OTAN e o Grande Médio Oriente*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.outraspalavras.net/2011/09/12/a-libia-a-otan-e-o-grande-medio-oriente/> [Acedido em 21 setembro 2011].
- Fisk, R., 2009. *A Grande Guerra pela Civilização*. 2.^a ed. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Frachon, A., 2011. Quand l'Histoire se fait. *Le Monde - Bilan Géostratégie*, p. 3.
- Fradkin, H., 2009. *The «Greater» Middle East: The new geopolitical environment and its implications for Obama Administration policies*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.hudson.org/bookstore/itemdetailcfm?item=3060> [Acedido em 27 outubro 2011].
- Freedom House, 2003. *Freedom in the world 2003 - The annual survey of political rights and civil liberties*. New York and Washington, DC: The Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Freedom House, 2011. *Freedom House*. [Em linha] Disponível na Internet em: freedomhouse.org/
- Freedom House, 2012. *Freedom House in the World*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.freedomhouse.org/> [Acedido em janeiro 2012].
- Fukuyama, F., 1992. *O fim da história e o último homem*. Lisboa: gradiva.
- G8 Information Centre, 2004. *Partnership for Progress and a Common Future with the Region of the Broader Middle East and North Africa*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.g8.utoronto.ca/summit/2004seaisland/partnership.html> [Acedido em 5 outubro 2011].
- Gokcan, A. & Guney, F., 2010. *The "Greater Middle East" as a "Modern" Geopolitical Imagination in American Foreign Policy*. [Em linha]



Disponível na Internet em: <http://tandfonline.com/doi/full/10.1080/14650040903420370>
[Acedido em 28 setembro 2011].

- Gol, E., 2011. *Embaixador de Israel. Entrevista GMO. Entrevistado por Caetano de Sousa. Lisboa* [Entrevista] (19 outubro 2011).
- Gordon, P., 2003. Bush's Middle East Vision. *Survival*, primavera, pp. 155-165.
- Harman, E. A., 2011a. *As transições políticas no Mundo Árabe*, Lisboa: Universidade Católica.
- Harman, E. A., 2011b. *Professora Doutora, Universidade Católica. Entrevista GMO. Entrevistada por Caetano de Sousa. Lisboa* [Entrevista] (02 novembro 2011).
- Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2011. *Conflict Barometer 2010*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://hiik.de/en/Konfliktbarometer/pdf/ConflictBarometer_2010.pdf [Acedido em 24 novembro 2011].
- Hirst, D., 2010. *Beware of small states - Lebanon, Battleground of the Middle East*. London: faber and faber.
- Huff Post World, 2009. *Obama Speech in Cairo*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://www.huffingtonpost.com/2009/06/04/obama-speech-in-cairo-vid_n_211215.html [Acedido em 15 outubro 2011].
- Huff Post World, 2011. *Obama Middle East speech*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://www.huffingtonpost.com/2011/05/19/obama-middle-east-speech-_n_8641153.ht [Acedido em 11 outubro 2011].
- Hulsman, J. C. & Dongen, T. V., 2011. La rivincita postuma del nemico numero uno. *LIMES - Le Maschere di Osama*. Roma: Grupo Editorial l'Espresso, pp. 11-22.
- Huntington, S. P., 1991. *The Third Wave - Democratization in the late Twentieth Century*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, Noran Publishing Division of the University.
- Huntington, S. P., 1999. *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Internacional*. Lisboa: gradiva.
- Ibrahim, A., 2006. Universal values and muslim democracy. *Journal of Democracy*, Julho, pp. 1-12.
- Indexmundi, 2011. *Mapa comparativo entre países*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.indexmundi.com/map/?v=21&l=pt> [Acedido em 23 janeiro 2012].
- Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, 2004. *A Europa e o Grande Médio Oriente*. [Em linha] Disponível na Internet em:



<http://www.ieei.pt/publicacoes/artigo.php?artigo> [Acedido em 30 setembro 2011].

- Joffé, G., 2011. A Primavera Árabe no Norte de África - origens e perspectivas de futuro. *Relações Internacionais*, junho, pp. 85-116.
- Johnson, P., 1998. *A History of the Jews*. London: Phoenix Giant.
- Kinsella, D. & Rousseau, D. L., 2008. *Conflict resolution Handbook - Democracy and conflict resolution*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://docs.google.com/viewer> [Acedido em 21 novembro 2011].
- Kinzer, S., 2011. *Reset Middle East*. Nova Iorque: I.B. Tauris.
- Kissinger, H., 1996. *Diplomacia*. Lisboa: gradiva.
- krauthammer, C., 2002. The unipolar moment revisited. *The National Interest*, winter 2002/2003. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://nationalinterest.org/article/the-unipolar-mon> [Acedido em 21 dezembro 2011].
- Kuperwasser, Y. & Lipner, S., 2011. The problem is Palestinian rejectionism. *Foreign Affairs*, novembro/dezembro, pp. 2-9.
- L' Arab Barometer Survey, 2011. *Moyen-Orient n.º 10*, avril-juin, pp. 48-53.
- Lacoste, Y., 2006. *Géopolitique - La longue histoire d'aujourd'hui*. s.l.:Larousse.
- Lapierre, D. & Collins, L., 1972. *Oh Jerusalém*. 5.ª ed. Lisboa: Bertrand Editora.
- L'Atlas du Monde Diplomatique, 2012. *Mondes émergentes*. Hors-Série ed. Paris: Le Monde Diplomatique.
- Leffler, M. P., 2001. 9/11 in Retrospect. *Foreign Affairs*, setembro/outubro, pp. 33-43.
- Lesnes, C., 2011a. La «twitter diplomatie» de Washington. *Le Monde - Bilan Géostratégie*, setembro, p. 45.
- Lesnes, C., 2011b. Obama remet les droits de l' homme au coeur de sa politique étrangère. *Le Monde hors - série Bilan Géostratégie*, setembro, p. 22.
- Lewis, B., 2003. *O Médio Oriente e o Ocidente*. Lisboa: gradiva.
- Limes - rivista italiana di geopolitica, 2011. *Israele più solo, più forte*. Roma: Gruppo Editoriale l'Espresso.
- Mandraud, I., 2011. Tunisie, là où tout a commencé. *Le Monde, hors-série bilan Géostratégie*, setembro, pp. 42-43.
- Manoilo, A., 2011. «Date Palm Revolutions»» Disaster or Controlled Chaos? *International Affairs*, n.º 4, volume 57, 2011, setembro, pp. 56-69.
- Mansfield, P., 2004. *A History of the Middle East*. 2nd ed. London: Penguin Books.
- Marracho, A. J. M., 2011. *TCOR. Entrevista GMO. Entrevistado por Caetano de Sousa*. Lisboa [Entrevista] (27 e 28 setembro 2011).



- Martin, G., 2008. *Israel - De T. Herzl à la feuille de route pour la paix*. Paris: Grund.
- Massoulié, F., 2001. *I conflitti del Medio Oriente*. Prato: GIUNTI.
- McCants, W., 2011. Al-Qaeda's Challenge. *Foreign Affairs*, set./out., pp. 20-32.
- Middle East Economics Quarterly, 2011. *Global Research - Middle East Economics Quarterly*. [Em linha] Disponível na Internet em:
<http://www.research.hsbc.com/midas/Res/RDV?P=PDF&key=uwtkzbzaie6n=294313.PDF>
[Acedido em 23 novembro 2011].
- Middle East Strategy at Harvard, 2008. *Can the Middle East sustain democracy?* [Em linha] Disponível na Internet em:
http://blogs.law.harvard.edu/mesh/2008/01/middle_east_sustain_democracy
[Acedido em 6 dezembro 2011].
- Mideast Web Maps, 2011. *Middle East map*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.mideastweb.org/maps.htm> [Acedido em 2011].
- Miller, R., 2011. Europe's Palestine Problem - Making sure the EU matters to Middle East Peace. *Foreign Affairs*, setembro/outubro, pp. 8-9.
- Moreira, A., 1999. *Teoria das Relações Internacionais*. 3.^a ed. Coimbra: Almedina.
- Moyen - Orient, 2012. *Islam et Démocratie*. Janvier-Mars.
- Mucznik, E., 2011. *Investigadora. Entrevista GMO. Entrevistada por Caetano de Sousa. Lisboa* [Entrevista] (28 novembro 2011).
- Mucznik, M., 2011. *a «Primavera» Árabe: Dinâmicas regionais e desafios para a comunidade internacional*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Nafi, B., 2011. [Em linha] Disponível na Internet em:
<http://weekly.ahram.org.eg/2011/1078/re1.htm> [Acedido em 31 dezembro 2011].
- National Security Strategy, 2002. [Em linha] Disponível na Internet em:
<http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.pdf> [Acedido em 7 outubro 2011].
- Nogueira, J. M. F. N., sd. *O Método geopolítico alargado*. Lisboa: IESM.
- Orlov, A., 2011. First Revolution of the 21st Century. *International Affairs*, setembro, pp. 42-55.
- Otero, P., 2001. *A Democracia Totalitária - Do Estado totalitário à sociedade totalitária. A influência do totalitarismo na Democracia do Século XXI*. s.l.:Principia.
- Ottaway, M., 2003. *Promoting democracy in the Middle East*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://carnegieendowment.org/files/wp35.pdf>
[Acedido em 09 de outubro 2011].
- Ottaway, M. & Carothers, T., 2004. *The Greater Middle East Initiative: Off to a False*



Star. [Em linha] Disponível na Internet em:

<http://carnegieendowment.org/files/Policybrief29.pdf> [Acedido em 09 outubro 2011].

- Pinto, A. S., 2011a. *A questão palestiniana na ONU; um jogo arriscado*. [Em linha] Disponível na Internet

em: http://www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/working_paper.php?idp=690 [Acedido em 6 outubro 2011].

- Pinto, A. S., 2011b. A União Europeia e a Primavera Árabe - entre os vícios da retórica democrática e os riscos da acção política. *Relações Internacionais*, junho, pp. 129 -136.

- Pinto, A. S., 2011c. *Universidade Nova de Lisboa. Entrevista GMO. Entrevistada por Caetano de Sousa. Lisboa* [Entrevista] (02 novembro 2011).

- Pinto, M. d. C., 2007. *Os processos de democratização no Médio Oriente e Magrebe*, Lisboa: IPRI.

- Plattner, M. F., 2011. Comparing the Arab Revolts - the global context. *Journal of Democracy*, outubro, pp. 5-12.

- Polansky, D., 2004. Bush revolucionário. *Limes*, p. 175.

- Politicalvideo.org, 2003. *George Bush presses for Peace in the Middle East*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://politicalvideo.org/george-bush-presses-peace-middle-east> [Acedido em 14 outubro 2011].

- Post, W., 2008. *Obama on Foreign Policy*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2008/03/02AR20080302011982.HTML> [Acedido em 12 outubro 2011].

- Puddington, A., 2011a. *Democracy's Stake in the Arab Spring*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.israelcfr.com/documents/5-3/5-3-3-ArchPuddington.pdf> [Acedido em 19 outubro 2011].

- Puddington, A., 2011b. *house of freedom*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.freedomhouse.org/template.cfm?page=130&year=2011> [Acedido em 07 de outubro 2011].

- Quivy, R. & Campenhoundt, L. V., 2008. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª ed. Lisboa: gradiva.

- Rato, V. & Soller, D., 2008. A Grande Estratégia Americana no Médio Oriente. *Nação e Defesa* n.º.121, outono/inverno, pp. 53-72.

- Reis, B. C., 2011. Uma certa percepção das Relações Internacionais. *Relações Internacionais*, junho, pp. 146-166.

- Rodrigues, A. R., 2011. *A democracia e a guerra ao terror no Médio Oriente*. [Em



linha] Disponível na Internet em: <http://www.raiadiplomatica.com/318>

[Acedido em 4 outubro 2011].

- Rogeiro, N., 2011. *Na Rua Árabe - causas e consequências das revoltas no Médio Oriente*. Lisboa: D. Quixote.
- Ross, D., 2004. *The Missing Peace - The inside story of the fight for Middle East Peace*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Ross, M., 2011. Will oil drown the Arab Spring - Democracy and the resource course. *Foreign Affairs*, setembro/outubro, pp. 2-7.
- Saint-Prot, 2012. Islam et démocratie - deux concepts compatibles. *Moyen - Orient*, fevereiro, pp. 18-21.
- Santo, G. A. d. E., 2001. *General (R). Entrevista GMO. Entrevistado por Caetano de Sousa. Oeiras* [Entrevista] (31 outubro 2001).
- Santos, L. d., 2004. *Convulsões - Ano III da «Guerra» ao terrorismo, reflexões sobre Estratégia IV*. 2.^a ed. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Santos, L. d., 2006. *O Império debaixo de fogo - Ofensiva contra a Ordem Internacional Unipolar - Reflexões sobre Estratégia V*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Santos, L. d., 2009. *As Guerras que já aí estão e as que nos esperam se os políticos não mudarem - reflexões sobre estratégia VI*. Mem Martins: Europa América.
- Santos, S. d., 2009. A Geopolítica do Médio Oriente. *Revista Militar*, n.º 2488, maio, pp. 521- 566.
- Sarsar, S., 2006. *The Middle East Quarterly - Quantifying Arab Democracy: Democracy in the Middle East: Middle East Quartely*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.meforum.org/970/quantifyng-arab-democracy>
[Acedido em 07 outubro 2011].
- Sarsar, S., 2008. *The Economics of Democracy in Muslim countries: Middle East Quarterly*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.meforum.org/1921/the-economics-of-democracy-in-muslim-countries> [Acedido em 7 outubro 2011].
- Schenker, D., 2011. *Egypt's Enduring Challenges - Shaping the Post-Mubarak Environment*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.washingtoninstitute.org/templateC04.php?CID=341> [Acedido em 12 outubro 2011].
- Sharansky, N., 2006. *The case for democracy*. New York: Public Affairs.
- Sharansky, N. & Weiss, S. W., 2008. *Defending Identity*. New York: Public Affairs.
- Simões, T. S., 2011. *CMG e Investigador. Entrevista GMO. Entrevistado por Caetano*



de Sousa. Lisboa [Entrevista] (06 e 08 outubro 2011).

- Sousa, E. C., 2002. *A UEO na encruzilhada da Segurança Europeia*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Suano, M. J. F., 2005. *O discurso teórico nas Relações internacionais*. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, julho/dezembro, pp. 245-274. Disponível na Internet em: <http://revistaseletronicas.pucesbr/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/3/1506> [Acedido em 26 novembro 2011].
- Taylor, J. & Martin, J., 2011. Commanding Democracy in Egypt. *Foreign Affairs*, setembro/outubro, pp. 127-137.
- The Economist, 2010. *Economist Intelligence Unit*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://graphics.eiu.com/PDF/Democracy_index2010_web.pdf [Acedido em 7 outubro 2011].
- The Economist, 2011. *Democracy Index 2011- Economist Intelligence Unit*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://www.eiu.com/Handlers/whitepaperHandler.ashx?fi=Democracy_Index_Final_Dec_2011.pdf&mode=wp [Acedido em 18 dezembro 2011].
- The Washington Institute for Near East Policy, 2011. *Between Cairo and Damascus: Change, Uprising, and Revolution in Arab States*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.washington.org/templateco4.php> [Acedido em 29 setembro 2011].
- Thompson, R., 1983. *A Guerra no Mundo depois de 1945*. Lisboa/S.Paulo: Verbo.
- Trager, E., 2011. Inside the Muslim Brotherhood. *Foreign Affairs*, setembro/outubro, pp. 114-126.
- Transparency International, 2010. *Corruption Perceptions Index 2010*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://www.transparency.org/policy_research/surveys_indices/cpi/2010 [Acedido em 12 outubro 2011].
- Transparency International, 2011. *Corruption Perceptions Index*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://www.Transparency.org/policy_research/surveys_indices/cpi [Acedido em 20 dez 2011].
- United Nations Development Programme, 2010. *Arab Knowledge Report 2009*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.mbrfoundation.ae/English/Documents/AKR-2009-En/AKR-English.pdf> [Acedido em 9 outubro 2011].



- United Nations Development Programme, 2011. *Strategy of response to transformation change championed by youth in the arab region*. [Em linha]
Disponível na Internet em: http://204.200.211.31/Update_April%202011/UNDP%20
[Acedido em 9 outubro 2011].
- United Nations Human Rights, 1948. *Universal Declaration of Human Rights*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Introduction.aspx>
[Acedido em 14 dezembro 2011].
- Uppsala Universitet, 2012. *Department of Peace and Conflict Research* [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.pcr.uu.se/research> [Acedido em 05 Abril 2012].
- Vasconcelos, Á., 2012a. Listening to unfamiliar voices - The Arab democratic wave. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.iss.europa.eu/uploads/media/Listening-to-familiar-voices-the-Arab-democratic-wave.pdf>.
- Vasconcelos, Á., 2012b. *Diretor do Instituto de Estudos de Segurança da UE. GMO. Entrevistado por José Manuel Rosendo (rádio) RDPI* [Entrevista] (13 março 2012).
- Waltz, K. N., 2002. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: gradiva.
- Ward, M. D. & Gleditsch, K. S., 1996. *Democratization for Peace*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.colorado.edu/IBS/GAD/Manuscripts/warornot.htm>
[Acedido em dezembro 2011].
- Way, L., 2011. The Lessons of 1989. *Journal of Democracy*, outubro, pp. 13-23.
- White House, 2002a. *National Security Strategy of the United States of America*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.pdf>
[Acedido em 4 outubro 2011].
- White House, 2002b. *President Bush Calls for New Palestinian Leadership*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://www.whitehouse.gov/news/release/2002/06/20020624-3.htm> [Acedido em 14 outubro 2011].
- White House, 2003. *President Bush Presses for Peace in the Middle East*. [Em linha]
Disponível na Internet em: <http://georgewbush.whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/05/20030509-11.html>
[Acedido em 5 outubro 2011]
- Wikipédia, 2011. *Médio Oriente*. [Em linha] Disponível na Internet em: http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9dio_Oriente [Acedido em setembro 2011].
- Williams, S. & Elizabeth, M., 2011. *HSBC Global Research - Middle East Economics Quarterly*. [Em linha] [Acedido em 7 novembro 2011].
- World Bank, 2009. *Knowledge Assessment Methodology*. [Em linha]



Disponível na Internet em: http://info.worldbank.org/etools/KAM_page6.asp on 13 February 2009 [Acedido em 10 outubro 2011].

- World Bank, 2010. *Knowledge Assessment Methodology (KAM)*. [Em linha] Disponível na Internet em: HTTP://info.worldbank.org/etools/kam2/KAM_page5.asp [Acedido em 09 outubro 2011].
- World Economic Forum, 2009a. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://weforum.org/pdf/gitr/2009/rankings.pdf> on 12 March 2009. [Acedido em 10 outubro 2011].
- World Economic Forum, 2009b. *The Global Information Technology Report 2008-2009*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://members.weforum.org/pdf/gitr09fullreport.pdf> [Acedido em 14 dezembro 2011].
- Worldatlas, 2011. *Middle East Map*. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://www.worldatlas.com/web/webimage/countrys/me.htm> [Acedido em dez 2011].
- Yadlin, A., 2011 - Soref Symposium Report. *Between protests and Power - Middle East change and US interest*. Washington, Washington Institute for Near East Policy.
- Zakaria, F., 2005. *O futuro da liberdade*. 2.^a ed. Lisboa: gradiva.
- Ziada, D. & - Azm, A. al., 2011. *Between Cairo and Damascus: Change, Uprising, and Revolution in Arab States*. Washington, The Washington Institute - 2011 Soref Symposium Report. [Em linha] Disponível na Internet em: <http://washington.org/template04.php> [Acedido em 29 de setembro 2011].
- Zuhur, S., 2007. *Egipto: Security, Political, and Islamic Challenges*. s.l.U.S. Army War College.



Anexo A – Índices de democracia versus guerra e conflitos no GMO

| GMO | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | L | M | N |
|------------|---------------|---------------|-------|-------------|-------------|-------------|-------|--------------------|------------|------------|---|---------------------------------|------------|
| | SDI % 1999 | SDI % 2007 | B-A | AKR 2007 | IUD 2010 | IUD 2011 | F-E | TI 2011 Rank | FH 2011 | FH 2012 | Guerras, Conflitos e Crises Principais | Índice de conflitos (IDC) | População |
| Marrocos | 61 | 44.4 | -16.6 | -0.24 | 3.79 AR | 3.83 AR | +0.14 | 80 | 5 PF | 5 | Esp. (Ceuta e Melilla) 1956 Ifni war 1963 Sand war - Argélia 1963/4 Revoltas internas 1965 Saara Espanhol 1975 Frente Polisário 1979 Revoltas internas 1981/84 Revoltas internas 1990 Esp. (Ilhas Parsley) 2002 Primavera Árabe 2011 | 2 | 31 968 361 |
| Argélia | 50 | 52.7 | 2.7 | -0.47 | 3.79 AR | 3.48 AR | -0.31 | 112 | 6 NF | 6 | Guerra independência 1954 a 1962 Berberes 1963 Al-Qaeda (AQIM) 1989 Guerra civil 1992 a 2002 Primavera Árabe 2011 | 4 | 34 994 937 |
| Mauritânia | - | 30.5 | | -0.50 | 3.86 AR | 4.17 HR | +0.31 | 143 | 6 NF | 6 | Senegal 1989/91 Primavera Árabe 2011 | 3 | 3 054 933 |
| Líbia | 28 | 27.7 | -0.3 | -0.83 | 1.94 AR | 3.55 AR | +1.61 | 168 | 7 NF | 7 | EUA 1964 Guerra com Egito 1977 Chade 1978 e 1987 Guerra civil 2011 Primavera Árabe 2011 | 2 | 6 173 579 |
| Egito | 44 | 50.0 | 6.0 | -0.58 | 3.07 AR | 3.95 HR | +0.88 | 112 | 6 NF | 6 | Israel 1948/9 Revolução 1952 Guerra do Suez 1956 Guerra dos seis dias 1967 Guerra da atribuição 1968/70 Yom Kippur 1973 Líbia fronteira 1977 Guerra do Golfo 1990/1 Primavera Árabe 2011 | 3 | 82 079 636 |



| | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------|----|------|-------|-------|------------|------------|-------|-----|---------|---|---|---|------------|
| Líbano | 58 | 61.1 | 3.1 | -0.65 | 5.82 HR | 5.32 HR | -0.50 | 134 | 5 PF | 5 | Guerra Israel 1948 Guerra civil 1958 Guerra civil 1975/1990 Invasão por Israel 1982/4 Fronteira Israel 1984/2000 Invasão por Israel 2006 Conflito Norte Líbano 2007 Primavera Árabe 2011 | 3 | 3 971 941 |
| Síria | 47 | 36.1 | -10.9 | -0.88 | 2.31 AR | 1.99 HR | -0.32 | 129 | 7 NF | 7 | Guerra Israel 1948 Guerra do Seis Dias 1967 Guerra Yon Kippur 1973 Líbano 1975/1999 Líbano/Israel 1982/84 Líbano/Israel 1984/00 2.ª Guerra do Golfo 1990/1 Crise EUA 2003 Primavera Árabe 2011 Guerra Civil 2012 | 3 | 22 517 750 |
| Jordânia | 58 | 47.2 | -10.8 | 0.32 | 3.74 AR | 3.89 AR | +0.15 | 50 | 6 NF | 6 | Guerra Israel 1948 Guerra Seis Dias 1967 Guerra civil 1970 Setembro Negro 1970/1 Primavera Árabe 2011 | 1 | 6 198 677 |
| Israel | - | - | - | - | 7.48 FD | 7.53 FD | +0.05 | 36 | 1 F | 1 | Guerra Independência 1948/9 Guerra Suez 1956 Guerra Seis Dias 1967 Guerra da atribuição 1968/70 Yon Kippur 1973 Raid Osiraq 1981 Invasão Líbano 1984 Fronteira Líbano 1984/2000 1.ª Intifada 1987/93 2.ª Intifada 2000 Invasão Líbano 2006 Guerra de Gaza 2008/9 Crise com Turquia/2011 | 4 | 7 112 359 |
| Turquia | - | 61.1 | - | - | 5.73 HR | 5.53 HR | - | 61 | 3 PF | 3 | Invasão Chipre 1974 Conflitos civis turcos 1976/9 Curdistão 1977 Iraque 1979 Golpe estado 1980 Crise com Israel 2011 | 4 | 78 785 548 |



| | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|----------------|-------------|-------------|--------------|--------------------------|--------------------------|--------------|------------|-----------------------|----------|---|----------|-------------------|
| | | | | | | | | | | | Crise com Síria 2012 | | |
| Arábia Saudita | 14 (16) | 13.8 | -0.2 | -0.10 | 1.84 AR | - | - | 57 | 7 NF | 7 | Guerra civil Iémen 1962/70 Captura G. Mesquita 1979 Oposição Shiíta 1979 Massacre de Meca 1987 Guerra do Golfo 1990/1 Insurgência islâmica 1995 Rebeldes al-Houti 2009 Conflito de Sa'dah 2004/10 Primavera Árabe 2011 Iémen 2011 | 3 | 26 131 703 |
| Iémen | 47 (7) | 47.2 | 0.2 | -0.62 | 2.64 AR | - | - | 164 | 6 NF | 6 | Guerra civil 1962/70 Emergência em Áden 1963 Guerra civil sul 1986 Guerra civil 1984 Conflito de Sa'dah 2004/10 Insurgência sul 2009 Al-Qaeda 2010 Primavera Árabe 2011 | 4 | 24 133 492 |
| Omã | 28 | 27.7 | -0.3 | 0.62 | 2.86 AR | 3.26 AR | +0.40 | 50 | 6 NF | 6 | Guerra Jebel Akhdar 1954/60 Rebelião Dhofar 1962/75 Primavera Árabe 2011 | - | 3 311 640 |
| Bahrein | 28 | 30.5 | 2.5 | 0.60 | 3.49 AR | 2.92 AR | -0.57 | 46 | 6 NF | 6 | Oposição Shiíta 1978 Primavera Árabe 2011 | 2 | 718 306 |
| Iraque | 14 | - | - | -1.39 | 4.00 HR | 4.33 HR | +0.33 | 175 | 5 NF | 5 | Revolta Al-Wathbah 1948 Revolução 1958/9 Guerra Curdistão 1961/70 Golpe estado 1963 2.ª Guerra Curdistão 1974/5 Revolta Sadr 1980 Guerra Irão 1980/88 Guerra do Golfo 1990/91 Revolutas 1991 Operação Desert Fox 1988 2.ª revolta Sadr 1999 KRG (Curdistão) 2001 Guerra do Iraque 2003/10 | 4 | 30 400 000 |
| Irão | - | 25.0 | - | - | 1.94 AR | 1.98 AR | +0.04 | 120 | 6 NF | 6 | Golpe estado 1953 Rebelião Dhofar 1962/65 Revolução branca 1963 Revolução 1978/9 EAU 1978 | 4 | 77 891 220 |



| | | | | | | | | | | | Israel e EUA 1979 Rebelião Curda 1978/80 Guerra Irão-Iraque 1980/88 Insurgência Baluchi 2003 Protestos eleitorais 2009 Disputa Nuclear | | |
|-------------------------------|----|------|------|------|------------|------------|-------|-----|---------|---|---|-------|------------|
| Koweit | 50 | 44.4 | -5.6 | 0.49 | 3.88 AR | 3.74 AR | -0.14 | 54 | - | 4 | Guerra Irão-Iraque 1980/88 Guerra do Golfo 1990/91 | - | |
| Afeganistão | - | - | | | 2.48 AR | 2.48 AR | - | 176 | 6 NF | 6 | Guerra civil 1978 Invasão soviética 1979/89 Guerra civil 1989/2001 Intervenção da ISAF e OTAN (2001...) | 5 | 29835392 |
| Paquistão | - | 19.4 | - | - | 4.55 HR | 4.55 HR | - | 180 | 4 PF | 4 | Guerra com Índia 1965, 1971, 1999 Guerra no Noroeste (2004...) | - | |
| Emirados Árabes Unidos | 33 | 27.7 | -5.3 | 1.00 | 2.52 AR | 2.58 AR | +0.06 | 28 | 6 NF | 6 | Irão 1978 Primavera Árabe 2011 | - | 4 621 399 |
| Qatar | 28 | 33.3 | 5.3 | 1.00 | 3.09 AR | 3.18 AR | +0.09 | 22 | 6 NF | 6 | Primavera Árabe 2011 | - | 824 789 |
| Tunísia | 56 | 47.2 | -8.8 | - | 2.79 AR | 5.53 HR | +2.74 | 73 | 7 NF | 3 | Bizert crisis 1961 Revolução 2010/2011 Primavera Árabe 2011 | 1 (0) | 10 383 577 |

Fonte: Adaptado e baseado nos seguintes elementos: Tab A - «Status of democracy Index's Ranking of 17 Arab Countries, 1999» percentagens globais (Sarsar, 2006); Tab B - «Status of democracy Index, 2007», percentagens globais (Sarsar, 2008); Tab D - «Arab Knowledge Report», resultados dos valores de controlo de corrupção, com fontes do World Bank (United Nations Development Programme, 2010); Tab E - «(The Economist, 2010), FD – Full Democracy, HR – Hybrid Regime, AR – Authoritarian regimes; Tab F - «(The Economist, 2011); Tab H - «Corruption Perceptions Index Results), ranking mundial (Transparency International, 2011); Tab I e J - «Political Rights» Relatório anual da (Freedom House, 2011) e (Freedom House, 2012) F – Free, NT – Not Free, PF – Partly Free; Tab L - «Guerras e Conflitos Principais após-1948» (Thompson, 1983), (Vasconcelos, 2012b, p. 23) , (Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2011), (Wikipédia, 2011); Tab M - Índice de conflitos (intensidade) (Média adaptada dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010) – (Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2011); Tabela N (População) (Indexmundi, 2011). Observação: optou-se por manter por extenso a designação das referências para facilidade de leitura.



Anexo B - Índice Democracia, Paz e Estabilidade (DPE)

| GMO | A | B | C | D | E | F |
|----------------|-------------|-------------|-------------------|---------------------------------|------------------------|--------|
| | IUD 2010 | IUD 2011 | N.º Habitantes | N.º km Telavive / Capital | Índice de conflitos | DPE |
| Marrocos | 3.79 AR | 3.83 AR | 31 968 361 | 3500 | 2 | 17.39 |
| Argélia | 3.79 AR | 3.48 AR | 34 994 937 | 2300 | 4 | 13.82 |
| Líbia | 1.94 AR | 3.55 AR | 6 597 960 | 1750 | 2 | 5.17 |
| Egito | 3.07 AR | 3.95 HR | 82 079 636 | 400 | 3 | 240.08 |
| Síria | 2.31 AR | 1.99 HR | 22 517 750 | 200 | 3 | 80.68 |
| Jordânia | 3.74 AR | 3.89 AR | 6 508 621 | 100 | 1 | 248.30 |
| Israel | 7.48 FD | 7.53 FD | 7 112 359 | - | 4 | - |
| Turquia | 5.73 HR | 5.53 HR | 78 785 548 | 1100 | 4 | 100.81 |
| Arábia Saudita | 1.84 AR | 1.77 AR | 26 131 703 | 1500 | 3 | 10.48 |
| Iémen | 2.64 AR | - | 24 133 492 | 2000 | 4 | 7.96 |
| Irão | 1.94 AR | 1.98 AR | 77 891 220 | 1750 | 4 | 21.81 |
| Iraque | - | 4.33 AR | 30 400 000 | 900 | 4 | 36.56 |
| Afeganistão | 2.48 AR | 2.48 AR | 29 835 392 | 3200 | 5 | 4.62 |
| Tunísia | 2.79 AR | 5.53 HR | 10 629 577 | 2500 | 1 (0) | 17.69 |

Fonte autor: Adaptado Tab A - (The Economist, 2010), FD - Full Democracy, HR - Hybrid Regime, AR - Authoritarian regimes; Tab B - (The Economist, 2011) ; Tabela C - (População) (Indexmundi, 2011); Tab D - (Distância entre a capital do país e Telavive); Tab E - Índice de conflitos (IDC) (Média adaptada dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010) - (Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2011). Observação: optou-se por manter por extenso a designação das referências para facilidade de leitura.

$$\text{DPE (Tab F)} = [(\text{ECO} \times \text{HAB}) / \text{DIS}] / \text{IDC}$$

Legenda: Índice para a democracia, paz e estabilidade na região de conflito (DPE)

ECO: Média dos valores de democracia (Tab A e B).

HAB: Milhares de Habitantes - <http://www.indexmundi.com/map/?v=21&l=pt> (estimativa do U.S. Censos Bureau com base em estatísticas dos censos da população, estatísticas vitais sistemas de registo de nascimento e morte, ou inquéritos por amostragem referentes ao passado recente e em suposições sobre as tendências futuras) - (Países com mais de 5 milhões de habitantes) (Tab C).

DIS: Distância (aproximada) entre a capital do país e Telavive (Tab D); IDC: Índice de conflitos (intensidade) (Média adaptada dos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010) - Fonte (Heidelberg Institute for International Conflict Research, 2011) (Tab E)

**Anexo C - Quadro dos sistemas eleitorais pré e pós-revolta árabe**

| Países | Pré-2011 | | | Pós - revolta árabe | | |
|------------------------|--|--------------------|--|---|-----------------|--|
| | Sistemas | Lugares Parlamento | Lugares reservados | Sistemas | Lugares Parlam. | Lugares reservados |
| Egito | <i>Two-Round System/Two members</i> | 518 | (64) Mulheres (222) Trabalhadores e Agricultores | <i>Proposed Parallel TRS (50%) PR 50%)</i> | 514 | (226) Trabalhadores e Agricultores |
| Tunísia | <i>Parallel-Block (BV) (75%) PR (25%)</i> | 214 | – | <i>List PR</i> | 191 | (50%) Mulheres |
| Jordânia | <i>Single non transferable vote (SNTV)</i> | 120 | (27) (12 Mulheres; 9 Cristãos e 6 Nómadas) | <i>115 Open List PR in governorates</i> | 130 | (30) (15 Mulheres; 9 Cristãos, 6 Nómadas) |
| Iémen | <i>First Past the Post</i> | 301 | – | <i>Unkown</i> | – | – |
| AP²⁹ | <i>Parallel-Block (50%) PR (50%)</i> | 132 | (6) Cristãos | <i>Proposta Parallel-Block (25%) PR (75%)</i> | 132 | – |
| Bahrein | <i>Two-Round System</i> | 40 | - | <i>Two-Round System</i> | 40 | – |
| Síria | <i>Block vote</i> | 250 | (51%) Agricultores | <i>Block vote</i> | 250 | (51%) Agricultores |
| Líbano | <i>Block vote</i> | 128 | (128) Confessionais | <i>Block vote</i> | 128 | (128) Confessionais |
| Argélia | <i>List PR</i> | 389 | – | <i>List PR</i> | 389 | – |
| Marrocos | <i>List PR</i> | 325 | (30) Mulheres | <i>List PR</i> | 325 | (30) Mulheres |
| Líbia | – | – | – | | – | – |

Fonte: adaptado de (Carey & Reynolds, 2011, p. 46)

Legenda: (Manteve-se em inglês as colunas relativas às tipologias dos sistemas eleitorais para melhor identificação dos mesmos); PR-Proportional Representation.

²⁹ Controlo e administração do território Palestino.



Apêndice I - Indicadores de democracia e liberdade

Relativamente ao SDI dos 17 países árabes analisados (Sarsar, 2006, pp.1-8), o estudo reparte-se por três períodos evolutivos (1999, 2005, e 2007) onde os estados árabes são quantificados nos pressupostos de eleições livres (para Chefe de Estado e para o Parlamento), partidos políticos, sufrágio, liberdade de imprensa, liberdade religiosa, direitos humanos, desenvolvimento humano e liberdade económica.

Os resultados mostram uma região muito afastada dos valores da democracia e da liberdade, tal como os definimos segundo o conceito ocidental e da preservação dos direitos humanos³⁰. Desta quantificação relativa ao ano de 1999, salienta-se que os quatro primeiros países neste ranking com melhores «valores democráticos», são Marrocos (61%), o Líbano (58%) e a Jordânia (58%), seguidos da Tunísia (56%). Os últimos, o Iraque e a Arábia Saudita com (14%). Em 2005, a Jordânia e o Líbano mantinham a liderança em valores democráticos, Marrocos descia para o 8.º lugar, a Argélia, o Egito, a Tunísia e o Iémen, ocupavam os lugares seguintes. A Arábia Saudita continuava no último lugar. A análise dos resultados do relatório da (FH, 2003) encontra-se refletida no corpo do trabalho (Cap.primeiro).

Os resultados do SDI de 2005 continuavam a demonstrar que os países da região do GMO, e em especial os países árabes analisados, mantinham-se em regimes autoritários, e muito longe dos valores democráticos e da liberdade, constatando-se mesmo uma diminuição geral nos valores gerais obtidos pelos respetivos índices em análise.

Conclui-se assim, que durante este período, os regimes árabes em geral, utilizaram muito a retórica da democracia, um pouco pela pressão política exercida sobre eles, mas que as medidas tomadas foram praticamente nulas, tendo-se mesmo agravado os fatores de corrupção e ausência de liberdade e democracia. Para (Sarsar, 2006), a *«democratização é muito mais que promessas políticas»*, sugerindo que os estados ocidentais e as ONG, devem focar a sua pressão em nome do avanço destas sociedades, na população escolar e na educação em geral. Em simultâneo, promover a transparência como pré-requisito da democracia e procurar a consolidação de uma classe média com maior abertura democrática e política (ibidem). Em relação a 2006/2007 os resultados demonstravam ainda valores muito baixos, com o Líbano (61,1%) e a Turquia³¹(61,1%) nos lugares cimeiros, surgindo depois a Argélia (52,7%) e o Egito (50%) e de seguida com valores iguais a Jordânia, a Tunísia e o Iémen. Em último continuava os EAU, o Irão e a Arábia Saudita (Sarsar, 2008). As tabelas SDI de (1999/2007) estão refletidas no Anexo A.

Analisámos também o estudo reportado ao ano de 2011 «Democracy Index 2011» (The Economist, 2011), já após a «Primavera Árabe», em que os pressupostos para a construção deste estudo são divididos em 5 categorias: processo eleitoral e pluralismo, liberdades civis, funcionamento dos governos, participação política e política cultural. Os países foram distribuídos em quatro tipos de regime *«full democracies; flawed democracies; hybrid regimes; authoritarian regimes»*. Esta análise detalhada pode ser observada no Anexo A, onde se pode destacar a subida da Tunísia e do Egito para os níveis HR. O relatório anual da (FH, 2011) contém um vasto conjunto de relatórios parcelares sobre 194 países e 14 territórios relacionados, dispondo de informações ao nível da população, direitos políticos, liberdades civis, classificação dos estados etc. Da parte que interessa mais diretamente à presente investigação, para se poder analisar o estado de democracia quantificada de cada país, este estudo aborda os seguintes fatores: processo eleitoral, pluralismo político e participação, funcionamento do governo, liberdades civis (de expressão e de opinião), direitos de associação e de organização, estado de direito,

³⁰ Ver (Otero, 2001) no Cap. primeiro.

³¹ O SDI do ano de 2006-2007 já continha em análise outros países muçulmanos.



autonomia pessoal, e os direitos individuais.

Com base nos indicadores mencionados, (Combined average ratings in the independent countries) (FH, 2011) pudémos concluir que no primeiro grupo dos países considerados «FN», apenas Israel está representado. No segundo nível de estados analisados, «PF» de acordo com os critérios seguidos por este instituto, encontram-se a Turquia, o Líbano, Kuwait, Marrocos e o Paquistão. Nos países «NF», a Argélia surge ainda assim como o melhor posicionado, seguido do Bahrein, do Egito e Iraque. No fim da lista dos países não livres, surgem a Arábia Saudita, a Líbia e a Síria. Esta análise relativa ao ano de 2010 mereceu no seu relatório final uma conclusão premonitória, que se cita *«a década passada começou com um ponto alto para a liberdade e conclui-se com a liberdade sob coação. A próxima década poderia testemunhar uma nova onda de desenvolvimento democrático, se os líderes da democracia lembrarem ao mundo que a liberdade é mais poderosa, em ambas as situações (quer como ideia, quer como prática governativa), que qualquer coisa que os adversários da democracia tenham para oferecer»* (Puddington, 2011a, p. 22)³².

De acordo com os dados revelados pelo relatório (UNDP, 2010) do AKR de 2009, os «indicadores de governo», com dados do ano de 2007, que conjugam parâmetros como (voice and accountability, political stability and absence of violence, government effectiveness, regulatory quality, rule of law, e control of corruption)³³, têm valores positivos em alguns dos parâmetros definidos, o Bahrein, Omã, a Jordânia, o Kuwait, o Qatar, a Tunísia e os EAU. O Egito, Marrocos, Argélia e a Síria por exemplo apresentam valores negativos em todos os parâmetros em análise (UNDP, 2010). Também os indicadores da liberdade de imprensa, citados no mesmo relatório, relativo ao ano de 2008³⁴, apresentam valores muito baixos, e estes países de uma forma geral não a respeitam e infringem um dos principais valores de referência da democracia e da sociedade. A nível mundial os primeiros países árabes surgem a partir da 60.ª posição entre 173 estados analisados, sendo o Kuwait, o Líbano, os EAU, o Qatar e o Bahrein os que ainda assim apresentam melhores resultados. Os países com menos liberdade de imprensa neste comparativo, são o Egito, Iémen, Iraque, Síria, Líbia e Arábia Saudita, citado em (UNDP, 2010). Os principais atentados à liberdade de imprensa em 2011, surgiram na Arábia Saudita, Irão, Síria, Iémen, Afeganistão, Iraque e Palestina (Diplomatie, 2011, p. 55). Da análise dos relatórios da (TI, 2011), (Corruption Perceptions Index Results), o Qatar surge em 22.º lugar a nível mundial, o EAU em 28.º e Israel em 36.º lugar, a Arábia Saudita em 57.º, mas no primeiro terço dos países árabes. Nos últimos lugares deste ranking dos países do NAMO, encontram-se a Síria, o Irão e a Líbia. Os resultados relativos ao ano de 2011 da TI (TI, 2011) encontram-se vertidos no Anexo A.

Apêndice II - Internet e redes sociais

O crescimento dos utilizadores da internet entre os jovens árabes foi fulgurante, a frequência dos lugares públicos de acesso à internet subiu entre 59% a 62% e o número de utilizadores do Facebook aumentou 30% de janeiro a abril de 2011 (Democracy Digest, 2011). De acordo com os dados da Dubai School of Government (DSG), entre 2000 e 2010 *«o uso da internet nos países árabes subiu 450%. 78% dos utilizadores recorriam ao Facebook, em 2010, continuando a ser a rede mais popular na zona»* (Rogero, 2011, p. 158). Na Tunísia, no Egito e no Iraque houve uma enorme implantação de jornais, blogs e

³² Tradução do autor.

³³ Tabela 6, do («Arab Knowledge Report de 2009», fonte do World Bank, «Worldwide Governance Indicators 2007» cit. UNDP, 2010).

³⁴ Tabela 7, («Press Freedom Index» in Arab region 2008», fonte «Reports without borders, Report on Worldwide Freedom of the Press 2008» cit. UNDP, 2010).



comentadores independentes. Os EUA deram grande importância a este tipo de desafios, tendo a Secretária de Estado Hillary Clinton em janeiro de 2010 anunciado « (...) *que o direito de se ligar na internet faz parte integrante dos direitos do homem*» (Lesnes, 2011a, p. 45). O Departamento de Estado Americano anunciou também o desbloqueamento de 30 milhões de dólares, a repartir entre as associações com potencialidades para desenvolver estas ações em nome da liberdade, assim como a abertura de contas no «Twitter» em língua árabe. Da mesma forma, 68 ONG participaram também neste esforço, de forma a permitir uma utilização mais generalizada destes meios, nomeadamente nos centros públicos (ibidem).

Como indicadores fornecidos pelo Network Readiness Index (2008/2009) em termos de ranking dos países árabes, os primeiros países são: os EAU, Qatar, Bahrein, Tunísia e Arábia Saudita, nos 27, 29, 37, 38 e 40 lugares respetivamente entre 134 países. Os últimos são a Argélia e a Mauritânia no 108 e 109 lugares respetivamente (World Economic Forum, 2009). Os índices (Information and communication technology index) mais recentes e fornecidos pelo Word Bank ICT, atribuem os primeiros lugares nesta área ao EAU, Qatar, Bahrein, Kuwait, e Arábia Saudita, sendo que os últimos lugares são ocupados pelo Iémen e a Mauritânia (World Bank, 2009). Em termos de acesso à internet banda larga, os primeiros lugares são ocupados pelo Qatar, EAU, Bahrein, Kuwait, Marrocos e Omã. Neste ranking a Arábia Saudita ocupa lugar intermédio entre todos os países árabes. O Iémen e a Síria figuram nos últimos lugares (World Bank, 2010).

Apêndice III - A narrativa do povo judeu

A história dos israelitas é uma narrativa feita de tragédias, de expulsões, de vulnerabilidades e devastações, mas também de coragem, de tenacidade e de construção de um modo autónomo de vida. Paul Johnson diz mesmo «*The Jews are the most tenacious people in history*» (Johnson, 1998, p. 3), e conceitualiza esta afirmação com o exemplo do Túmulo dos Patriarcas, (onde repousa Abraão) nas Cave de Machpelah. Por lá foram erigidas igrejas e símbolos religiosos de todas as culturas e religiões, por lá passaram e impuseram a sua lei todos os grandes poderes e invasores das diferentes épocas. Mas quando um « (...) *historiador visita Hebron, pergunta-se a si próprio: Onde estão todos aqueles povos que dominaram este lugar? Onde estão os Canaanitas? Onde estão os Edomitas? Onde estão os antigos Helenos e os Romanos, os Bizantinos, os Francos, os Mameluks e os Otomanos?*» A presença dos Judeus em Hebron « (...) *é o exemplo da obstinação dos Judeus há mais de 4000 anos e ilustra a curiosa ambivalência destes em relação à posse e ocupação da terra*»³⁵ (Johnson, 1998, p. 4). A filosofia do sionismo começou a desenvolver-se por volta de 1860 e teve como momento auge a publicação do livro de «The Jewish State», de Theodor Herz em 1869. Desde a Declaração de Balfour³⁶, assinada pelo governo Britânico em 1917, que as relações entre Britânicos, Árabes e Judeus não cessaram de se degradar (Ross, 2004, p.16). Com o Holocausto, um dos mais dramáticos períodos da história civilizacional, a ONU lançou um plano para a partilha da Palestina, numa das suas primeiras decisões enquanto organização internacional, em que decidiu dividir a Palestina em dois estados, e em que Jerusalém e Belém³⁷ seriam um

³⁵ Tradução do autor.

³⁶ «O Governo de Sua Majestade – *lia-se - encara favoravelmente o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu da Palestina (...) subentendendo-se porém, com clareza, que nada seja feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das coletividades não judaicas que vivem na Palestina (...)*» (Lapierre & Collins, 1972, p. 23) e (Martin, 2008, p. 10).

³⁷ A questão de Jerusalém era desde logo um problema inultrapassável «*Para o povo judeu, a perspectiva de recuperar um estado sem poder dar-lhe como metrópole a cidade de David...*» consagrado na oração dita durante dois mil anos «*Se eu te esquecer, Jerusalém, que a minha mão direita me esqueça*» (Lapierre & Collins, 1972, p. 22).



enclave internacional. Este plano foi recusado por todos os Estados Árabes e pelos palestinianos, iniciando-se desde então as hostilidades contra os judeus na Palestina.

Após a criação do Estado de Israel em 14 de Maio de 1948 e até 1996, mais de 2,5 milhões de judeus do mundo inteiro emigraram para Israel, em especial da Europa central (Polónia e Roménia), dos países Árabes (Marrocos e Iraque) e da ex-União Soviética (Lacoste, 2006, p. 290). Em 15 de maio de 1948, horas depois da declaração de independência os exércitos árabes do Líbano, Síria, Egito, Iraque e as tropas da Transjordânia, invadem o território de Israel: (Codovini, 2004, pp. 24-25). Estavam lançados os dados para um conflito de que se desconhece o fim...

Apêndice IV - A narrativa do povo palestiniano

Para os árabes da Palestina, a verdadeira consciência de preservar uma identidade própria e dominante, (Sharansky, 2006) e (Sharansky & Weiss, 2008), só surge após os primeiros movimentos programáticos sionistas terem germinado. Em Jaffa, em maio de 1919, realizou-se uma assembleia de árabes e cristãos, com o objetivo de exigir o fim da emigração judaica e proibir a compra de terras, e instalar um governo representativo do conjunto dos muçulmanos árabes, cristãos e judeus, mas onde os primeiros fossem os maioritários. Esta assembleia contudo não pugnou por um estado independente, antes declarou e assumiu que a Palestina era parte da Síria e que o governo deveria ser dotado de autonomia numa «Greater Syria under the rule of prince Faisal» (Ross, 2004, p. 33).

A questão palestiniana surge aos olhos do mundo como uma realidade que deveria ser resolvida e que resulta de causas imputadas a muitos intervenientes. A esse propósito Silvestre dos Santos considera que «*De todas as vítimas da falta de lei no Médio Oriente, da inépcia árabe, e do interesse egoísta ocidental, os palestinianos estão à cabeça. Quando os franceses e britânicos retalharam a região em pedaços após a I Guerra Mundial, os palestinianos – como súbditos otomanos – não possuíam liderança própria, e os outros responsáveis árabes “engoliram” as mentiras ocidentais*» (Santos, 2009, p.546).

Durante os anos subsequentes, sempre os árabes da Palestina consideraram o seu direito inalienável às terras e ao controlo das mesmas, pese embora as muitas rivalidades entre as suas tribos, famílias e fações, que dificultavam uma estratégia única. Apesar desta situação pareceu sempre que a causa árabe e o predomínio populacional e material existentes eram suficientes para repor a situação e assumir a liderança de uma região já em conflito latente. Os estados árabes da região até esta altura pareciam não ter qualquer intenção relativamente à criação de um estado independente na região da Palestina. Até à Guerra da Independência de Israel, este sentimento subestimou os israelitas, levando a pensar que o conjunto das nações árabes fariam um «pequeno passeio» na Palestina, o que veio dar origem a uma desmoralização face a uma derrota inesperada. Mas o ponto central desta narrativa, é a fuga de cerca de 800.000 palestinianos árabes das suas terras, desmoralizados, desorientados e sem liderança para a Cisjordânia e para países árabes vizinhos, sem um claro local de acolhimento (Ross, 2004, pp. 33-45). Obrigados e compelidos a isso, ou de iniciativa própria, aguardando uma vitória árabe rápida e total, este foi e continua a ser um recorrente trauma palestiniano e árabe. Sem qualquer possibilidade de regressarem a Israel, ou mesmo a integração noutro país, com a exceção da Jordânia, estes refugiados «*criaram internamente as características de uma diáspora, animada da esperança de uma restauração nacional*» (Massoulié, 2001, p. 95). A questão palestiniana começou verdadeiramente a tomar forma em finais dos anos sessenta com a criação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) em 1964. Com a ocupação da Cisjordânia em 1967 pelo exército israelita, verificou-se um novo êxodo de palestinianos em direção à Jordânia (Lacoste, 2006, p. 295). Em fevereiro de 1969, Yasser Arafat torna-se naquele que viria a ser o líder carismático desta organização, após ter fundado a Fatah



em 1962. A política escolhida a partir de então para mostrar ao mundo a causa palestiniana foi baseada no terror, no sequestro e na violência de ataques suicidas e outros tipos de ações indiscriminadas levadas a cabo um pouco por todo lado. Os palestinianos são um povo com cerca de 9,7 milhões de habitantes³⁸, que de uma forma geral vivem em condições de dificuldade e sob uma constante ajuda internacional, nomeadamente da UE. Com os acordos de Oslo em 1993, e na sequência dos mesmos, Arafat é reconhecido como presidente da AP e instala-se em Ramallah. A primeira Intifada acontece em 1987 contra a ocupação por parte de Israel da Margem Ocidental do Jordão e da Faixa de Gaza. Mais tarde no ano 2000, após a visita do 1.º ministro Ariel Sharon ao Monte do Templo, dá-se a designada segunda Intifada. «Esta destruiu o Acordo de Oslo e criou apoios à estratégia radical dos islamitas» (Santos, 2009, p. 548), em especial do Hamas na faixa de Gaza, mesmo após a retirada de Israel deste território. Os partidos islâmicos resultantes de cisões da OLP e da Fatah, o Hamas e a Jihad islâmica, impulsionaram o combate a Israel, de que as duas intifadas foram o exemplo, mantendo o Hamas a recusa de qualquer negociação com Israel e nos seus objetivos programáticos mantém-se ainda a completa destruição de Israel como objetivo a atingir (Lacoste, 2006, p. 295).

São muitos os acordos e tentativas falhadas neste conflito: a resolução da ONU n.º 181 de 29 de novembro de 1947 (Plano da partição da Palestina), seguida das múltiplas resoluções do Conselho de Segurança da ONU (n.º 242, de 22 de novembro de 1967, n.º 338 de 22 de outubro de 1973, n.º 4886 de 16 de dezembro de 1991), dos acordos de paz em Washington (13 de setembro de 1993), dos acordos da Santa Sé com o estado de Israel (30 de dezembro de 1993), do acordo do Cairo sobre Gaza e Jericó (04 de maio de 1994), do tratado de paz entre Israel e a Jordânia (26 de outubro de 1994), do acordo de Taba para a extensão da autonomia palestiniana (24 de setembro de 1995), do protocolo de Hebron (15 de janeiro de 1997), do acordo palestiniano-israelita de Wye Plantation (23 de outubro 1998), do «Road Map» em 30 de abril de 2003, do plano de retirada da Faixa de Gaza (Plano Sharon) e os acordos de Camp David em 2000 (Codovini, 2004, pp. 214-254). Salienta-se que muitas outras resoluções, acordos e planos não estão nesta lista. Uma lista feita de desacordos, não cumprimentos, de soluções sem um fim à vista e a manutenção de um «status quo» que dura há décadas.

Apêndice V – Quadro das questões principais para as entrevistas realizadas

Fonte: autor

| |
|--|
| Qual a importância do conceito do GMO e as suas repercussões? |
| Que importância assumiu a democracia no desenvolvimento da estratégia para o GMO? |
| Quais as características determinantes da «Primavera Árabe»? |
| Em que medida é possível a implantação da democracia nos países do GMO? |
| Será uma democracia «real»? |
| Em que medida estes desenvolvimentos (Primavera Árabe) poderão contribuir para a paz e estabilidade na região? |
| É o conflito israelo-árabe um conflito central para a paz e estabilidade na região? |

³⁸ 2,5 milhões de *palestinianos* na Cisjordânia, e 1,3 em Gaza. Na diáspora cerca de 5,9 milhões, dos quais 1,3 em Israel, 2,7 na Jordânia, 444.000 na Síria, 420.000 no Líbano, 60.000 no Egito, 310.000 na Arábia Saudita, 165.000 nos EAU, 720.000 espalhados pelo resto do mundo, dos quais 165.000 nos EUA (Lacoste, 2006, p. 298).



Apêndice VI – Quadro do percurso metodológico

| <i>Em que medida a implantação de regimes democráticos decorrente do conceito do GMO, constitui um fator determinante na procura da paz e estabilidade na região?</i> | | |
|---|---|----------------------------|
| Questão Central | | |
| Questões Derivadas | Hipóteses | Avaliação |
| QD1 - Qual a importância da democracia no conceito do GMO? | H1- A democracia assumiu uma importância orientadora e decisiva na formulação do conceito do GMO. | Validada no Cap. 1, p. 16. |
| QD2 - As alterações políticas da «Primavera Árabe» têm na sua génese os princípios da democracia e da liberdade? | H2 - As revoluções da «Primavera Árabe» caracterizam-se de um modo geral, pelo apelo de parte significativa da população, contra a corrupção instalada nos regimes autocráticos, pela liberdade e justiça social e na maioria dos casos pela democracia. | Validada no Cap. 2, p. 24. |
| QD3 - Em que medida é possível um sistema democrático nos países árabes, e que uma vez implantado, contribua para a estabilidade na região? | H3 - É possível um sistema democrático, nos regimes em que sejam efetivamente criadas condições para garantir a «sustentação» do mesmo, permitindo a médio e a longo prazo, um reforço da paz e da estabilidade regional. Ao inverso, se vencerem os valores do nacionalismo autocrático e do extremismo religioso, os equilíbrios da paz e da estabilidade estarão em causa. | Validada no Cap. 3, p. 38. |
| QD4 - O conflito israelo-palestiniano será um elemento central no processo da obtenção da paz e da estabilidade na região? | H4 - O conflito israelo-palestiniano, enquanto perdurar, é um fator perturbador no equilíbrio geoestratégico da região e impede o estabelecimento de uma paz estável na região geopolítica do GMO. | Validada no Cap. 4, p. 45. |
| Resposta à QC: A paz e a estabilidade para a região do GMO, dependem fundamentalmente da implantação de regimes políticos, que apliquem na sua prática e ação governativa, de forma sustentada, a democracia e a liberdade (valores já contidos no conceito do GMO). Os movimentos de protesto da «Primavera Árabe» permitiram desencadear um processo político que na sua génese apresentava valores de liberdade e democracia. O conflito israelo-palestiniano permanece um forte obstáculo à paz e estabilidade em toda a região do GMO, pelo estigma que representa nos países muçulmanos e em especial nos árabes, e no qual o Egito pode desempenhar um papel crucial quer neste processo, quer como fator charneira para a paz e estabilidade em toda região. (Conclusões, pp. 46 - 50). | | |